

# Revolução

FORA COM A CANALHA  
PODER A QUEM TRABALHA



PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES  
SOLDADOS E MARINHEIROS  
NOS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

POR UMA INFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA  
AO SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA

república • rádio renascença • república • rádio renascença

# Revolução

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## XUXIALISMO SIM, DITADURA NÃO

Temos assistido nos últimos tempos a uma forte escalada de forças reaccionárias, por um lado, temos os acontecimentos de Angola, por outro, temos o partido da "Maioria Eleitoral" a manifestar-se no caso "República" na sequência dos factos ocorridos com o MRPP.

Desde há muito tempo que o PS não nos deixa dúvidas, para isso basta recordar o que a II Internacional e alguns nomes, pelos quais este partido tem demonstrado veneração, caso do sr. Mobutu, do Sr. Willy Brandt, da Sra. Golda Meir, não esquecendo o Spínola.

No fundo, não são só as relações que o PS mantém, que o identificam, podemos acrescentar a sua demagogia quando, por exemplo, nos fala em "Socialismo em Liberdade"? Onde é que pode haver socialismo sem liberdade? Não será a sociedade socialista, uma sociedade de transição para uma forma superior de ordem e liberdade: o coMUNISMO?!

A quem pretende enganar o PS quando utiliza demagogicamente esse eufemismo do "Socialismo em Liberdade"?

Liberdade para quem? E para quem?

A Liberdade de explorar?  
A liberdade de oprimir os trabalhadores?

São, certamente, estas liber-

dades que os senhores do PS (Soares, Rego, Zenha, Reis, etc) defendem.

O Socialismo é, em si, liberdade. O Socialismo é a liberdade para os explorados e a DITADURA PARA OS EXPLORADORES!

Claro quando se fala em DITADURA aos srs. Soares, pior! Estes gritam logo:

- "Socialismo, Sim - Ditadura Não".

A final, que raio de Marxistas são os senhores do PS?

Que Socialistas são esses, que falam simultaneamente em "Revolução Socialista", e em DITADURA NÃO?

Que raio de socialistas são esses que dizem defender o proletariado, e TEMEM SUBMETER-SE A DITADURA DO PROLETARIADO?! Recordo, uma afirmação do Sr. Soares:

- "Não aceitamos nenhuma forma de ditadura. Nem de pessoas, nem de partidos, nem de classes."

No entanto, este mesmo senhor diz-se Marxista.

No entanto, lembro ao senhor Mairinho, as seguintes palavras de Karl Marx (é bom recordar-lhe o nome para ele ver se já alguma vez leu Karl Marx):

"Antes de conseguir uma transformação socialista, é necessária uma ditadura do proletariado, cuja condição primeira é o exército

proletário". (In Discurso de Karl Marx pelo 7.º Aniversário da I Internacional - 25.11.1871).

Com tudo isto, não é mais necessário falar no PS, nem nos senhores do PS, com tudo isto, é só necessário lembrar aos trabalhadores, que estão enganados no PS (por serem anti-PCP e procurarem outra saída) que se organizem, que não aceitem a

política divisionista e contra-revolucionária do seu partido, que se unam nas fábricas, nos campos, em organismos que visem defender os seus interesses de classe, que lutem pela REVOLUÇÃO SOCIALISTA e PELA DITADURA DO PROLETARIADO, porque neste momento, temos duas alternativas: SOCIALISMO OU FASCISMO

F.M.

### Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CARNIDE — Rua Neves Costa, 47

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10  
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa  
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"  
Rua do Arco do Carvalhal, 1, 5.º Dt.º — tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espigueira — Tel. 22558

VISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

### Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas  
(a abrir brevemente)

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução

## PRAÇAS DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE FARO

No dia 19/5/75 foram encontrados alguns panfletos do MRPP (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado) dentro deste Quartel, dirigidos aos Soldados desta Unidade em nome "dum grupo de Soldados do RIF simpatizantes do MRPP".

Depois de analisado o panfleto por todas as praças, concluiu-se por unanimidade que o mesmo não era da concordância dos militares, dado o seu conteúdo não corresponder à verdade.

O MRPP ao caluniar mais uma vez o COPCON e o MFA no panfleto, sem qualquer fundamento, faz com que estes militares não possam mais ficar calados perante tal atitude.

Quanto aos acontecimentos do dia 17/18 Maio as praças consideram a atitude do MRPP como tentativa intencional e desesperada de divisão no seio do MFA, procurando precisamente atingir as Unidades mais importantes do COPCON.

Portanto, perante tal atitude, considera-se o MRPP um movimento "muito bem informado"

(sabe-se lá por quem) e que é composto por elementos que fazem descarada e propositadamente o jogo da reacção.

As praças desta Unidade afirmam o seu grande orgulho de pertencer às forças progressistas do MFA, pois são elas o grande motor da Revolução Socialista.

Também afirmam mais uma vez que não pactuam com manobras divisionistas, venham elas de onde vierem, pois consideram a unidade de todos os militares impriscindível no processo revolucionário em curso. Todos os verdadeiros portugueses devem meditar profundamente nas palavras do brigadeiro Vasco Gonçalves: "Não há terceiras vias: ou estamos com a Revolução ou com a reacção".

Que este comunicado sirva de aviso ao MRPP e a outras forças reaccionárias.

Quartel em Faro, 21 de Maio de 1975

OS SOLDADOS DO RIF FARO  
(EX-R14)



# Informação Revolucionária ao serviço da classe operária

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA

"Declaramos a todos os trabalhadores portugueses que lutamos para que a classe trabalhadora possa controlar o poder da informação.

(...) "Declaramos que na informação são os trabalhadores que têm de poder determinar que o fruto do seu trabalho — o jornal — seja aplicado em realizações que dizem respeito à transformação do homem e da vida e não em objectivos belicistas dos políticos, com privilégios de minorias corruptas ou com exibicionismos partidários" — é o que se afirma na parte final do MANIFESTO dos trabalhadores do "República", que é dirigido, a todos os pobres e explorados de Portugal".

Com efeito o caso "República" não pode ser simplesmente analisado como um conflito partidário (PS-PC), mas tem que ser visto, para ser compreendido, como um conflito entre classes que defendem interesses antagónicos. A cisão no seio do "República" mostra-o claramente — de um lado a redacção, direcção e administração do jornal, do outro o resto dos trabalhadores. Traduzido em números, ainda mais significativo se torna: 24 contra 153.

O conflito gerado, revestiu-se de particular importância porque um dos baluartes da burguesia é atacado — a informação. Daí a sua reacção violenta e histérica (veja-se manifestação do PS no dia 19 de Maio), daí as repercussões internacionais que teve. A social-democracia grita em coro pela "liberdade" de expressão. Mas não só. Aproveita esse momento para voltar a pôr diversos problemas pendentes desde o 1.º de Maio ou mais propriamente desde as eleições de Abril. São eles a questão da vitória do PS, a questão da unidade sindical e por diante. O problema portanto é de poder. E trata-se muito simplesmente do poder da burguesia ou do proletariado.

A maneira como o caso é explorado a nível internacional é concludente. A Democracia Cristã em Itália faz a sua campanha eleitoral apoiada no caso "República". Os partidos de direita de toda a Europa vêem a "liberdade" de expressão ameaçada mesmo em suas casas. Enfim, o caso é explorado no estrangeiro, como sendo um conflito partidário e aproveitando-se dele nas campanhas contra Portugal.

Mas é a posição dos trabalhadores que é necessário conhecer para tornar clara a situação e colocar as coisas nos seus devidos lugares.

O caso para ser inteiramente compreendido, tem que ser visto de antes do 25 de Abril até agora.

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA

"O jornal República reunia antes do 25 de Abril, várias correntes da oposição numa luta anti-salazarista. As cisões havidas no seio do movimento democrático reflectem-se portanto no interior do jornal".

Quem começa por nos explicar todos esses acontecimentos é um jornalista, dos poucos que optaram por se colocar ao lado dos trabalhadores. Para ilustrar o reflexo dos conflitos nos meios da oposição no interior do jornal, referiu um acontecimento que se seguiu ao Congresso de Aveiro. Um jornalista teria reunido as opiniões mais progressistas expressas nesse Congresso mas não as pode publicar porque lhe foi dito para ter paciência pois "tais coisas eram muito avançadas". E quem lho disse foi um democrata. Carvalho Duarte.

Com o 25 de Abril as posições clarificam-se e em Maio-Junho começam a dar-se os primeiros conflitos PC-PS.

"Nessa altura alguns jornalistas perguntaram ao Raul Rêgo qual seria a tendência do Jornal. Raul Rêgo respondeu: "tendência socialista independente".

Mas, tal nunca se veio a verificar e a questão arrasta-se até à saída de Raul Rêgo, que vai para Ministro da Comunicação Social. Mas, sai e volta e a situação mantém-se, a luta PC-PS continua com vantagem para o PS, o que se pode ver pela maioria de espaço dado às notícias sobre o PS (80% contra 20%, segundo nos dizem).

"A dado momento começam a entrar para a redacção elementos PS, como o Arons de Carvalho, para reforçar a posição deste partido. Isto é dito pelo próprio".

Enquanto na redacção a luta se agudiza, na Tipografia a situação é vista doutra forma. Como os trabalhadores desse sector são meros executantes do que se faz na redacção, começam a aperceber-se de que a luta PC-PS é pouco importante em relação à sua situação.

A nível dos tipógrafos, a partir dessa altura, todos os militantes ultrapassam a sua condição partidária.

"Enquanto na Tipografia os trabalhadores superam a sua condição partidária no sentido de considerarem que são os interesses dos trabalhadores que estão em causa e não os do partido na redacção, na redacção há uma luta que os PCs dizem ser justa, porque querem o poleiro, e o PS dizem justa porque também querem o poleiro" — diz-nos um tipógrafo do "República", membro da Comissão Coordenadora dos Trabalhadores.

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA

Para confirmar o nível de consciência política atingida pelos tipógrafos afirma-nos: "dos 153 trabalhadores que estão contra a redacção, 70% eram do PS. Mesmo o responsável pelo núcleo do PS esteve desde o princípio ao lado dos trabalhadores".

Trata-se de uma cisão a nível do núcleo do PS na "República", que se dá no decorrer da luta, com uma linha de demarcação bem clara que virá a difirir essa mesma luta: — de um lado os trabalhadores do outro os doutores. Ou como dizia alguém no dia 19 de Maio: "lá dentro estão os 'fascistas' de fato de macaco e cá fora estão os 'trabalhadores' de gravata".

Mas surge a questão MDP-António Reis, artigo onde este diz que o MDP é um duplicado do PC e que o Governo não poderá consentir tal coisa, e com ela dão-se os primeiros protestos dos tipógrafos.

A questão é debatida em plénários e é num deles que aparecem duas propostas, uma do PC, pela qual pretendia um controlo ideológico e outra que era pela formação de um conselho de jornal, que apesar de ambigua foi aprovada.

"Era tão inócua esta proposta, como perigosa a outra", — dizem-nos.

Esta foi no entanto, a saída para a primeira crise interna.

Efectivamente tal Conselho de Jornal mostrou-se ineficaz em relação aos trabalhadores, pois o PS obteve facilmente a maioria, embora nele estivessem presentes elementos de outras organizações. "Pretendiam dar uma aparência pluralista sem que isso os afectasse muito pois detinham a maioria".

A segunda crise dá-se com a questão da unicidade sindical em que as posições se radicalizam. O PS perde posições a nível do jornal mas reforça-se a nível da redacção. E começa a política de eliminar pessoas incómodas. Chega-se a uma altura, pouco antes do 25 de Abril de 75, em que havia 12 pessoas a menos na redacção. Tinha havido a saída sucessiva de jornalistas, afectos ao PC, o qual por não conseguir dominar, abandonou. Significativo que tenha de abandonar, atitude que é confirmada por vários jornalistas que saíram, por não terem apoio dos trabalhadores da tipografia. "os gráficos receberam ordem para atacar mas desobedeceram porque na altura já não estavam interessados nas questões partidárias".

Mas com o avanço do processo degrada-se cada vez mais a situação.

Nestas circunstâncias, o PS teve possibilidade de meter na redacção

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA

quem queria, ou melhor, quem o servia. Assim, durante a última reestruturação a 20 de Fevereiro, entraram mais 16 redactores sem conhecimento de ninguém.

Perante esta situação a tipografia no seu caderno reivindicativo exigia que a entrada ou saída de elementos do jornal fosse sujeita a aprovação por parte dos trabalhadores. Além disso e uma vez que a maior parte do corpo redactorial parecia não ter horário (uns apareciam uns dias e outros não, outros entravam a meio da manhã) propôs a tipografia no caderno reivindicativo uma revisão dos horários de trabalho.

A redacção recusa-se a aceitar tal coisa até porque muitos deles tinham dois empregos e por isso não queriam abdicar.

Aqui começa o conflito que atinge o ponto de ruptura quando a redacção pretende meter duas pessoas contra as determinações dos trabalhadores.

Os trabalhadores ameaçam fazer greve e ficou acordado que se realizaria no dia 2 de Maio uma reunião geral para ser votada a entrada ou não desses dois elementos. Mas nesse dia, antes da reunião, já esses dois elementos estavam a trabalhar, antes da decisão dos trabalhadores. A direcção manteve a sua e os trabalhadores decidem fazer sair o jornal, mas que incluíse na primeira página um comunicado a explicar a situação.

O jornal é feito e Raul Rêgo recusa-se a deixá-lo sair com o seu nome. Os trabalhadores decidem fazê-lo sair como sendo "da responsabilidade dos trabalhadores", e só não o conseguem porque a reunião geral dura até às nove horas da noite.

Nessa reunião ficou acordado que sairia um comunicado a explicar a situação e Raul Rêgo ficou encarregue de o fazer, sendo depois esse comunicado sujeito à aprovação dos trabalhadores. Como não estava conforme as decisões da reunião os trabalhadores introduziram-lhe modificações que não foram aceites por Raul Rêgo, alegando que não admitia censuras. Assim no República sai o comunicado dos trabalhadores e nos outros jornais sai o comunicado do Dr. Raul Rêgo.

Daí até ao abaixo assinado, que reuniu 93 assinaturas, numa primeira fase, e em que os trabalhadores exigiam a demissão da redacção, foi um passo. Convém salientar que posteriormente, o turno da tarde apoiou a decisão dos 93 trabalhadores, que faz 153 trabalhadores contra 24 jornalistas

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA

"Os 24 redactores representam a burguesia que tenta abafar a luta dos trabalhadores". Depois as situações sucederam-se e já são sobejamente conhecidas. A social-democracia na rua a gritar que "assaltaram" a "República".

Manifestações e panfletos de um pretense grupo de leitores. Soares, Zenha e Cia., a dançarem na rua. Soares e Zenha a recusarem-se a participar no Conselho de Ministros enquanto o caso não estiver resolvido (a seu favor, claro...) Soares e Zenha a regressarem ao Conselho de Ministros. Enfim, a pequena e média burguesias que se manifestam invocando leis que foram feitas à sua medida e exigindo a aplicação de sanções.

Do outro lado estão os trabalhadores com uma visão clara das perspectivas da sua luta. Para já, consideram ter alcançado duas vitórias: —

— Desmascaramento de Mário Soares

— Revisão da lei de imprensa. A este propósito consideram que a lei de imprensa deve ser feita pelos trabalhadores e não em gabinetes, pois "fazer a lei de Imprensa é fazer avançar o processo revolucionário". E nisso são muito claros:

"Os trabalhadores lutam por uma liberdade de expressão que desde o 25 de Abril ainda não tiveram; a liberdade de expressão para os trabalhadores.

Quem garante que as lutas dos trabalhadores não vão para o caixote do lixo?

E preciso que todos os trabalhadores da imprensa e não só a redacção, possam ter voz activa sobre aquilo que se publica ou não nos jornais."

Mas não há que ter dúvidas sobre a liberdade de expressão para os trabalhadores a que se referem: "quem quiser realmente uma democracia popular e a ditadura do proletariado tem que ser censor em relação à burguesia."

De acordo com tudo isto e acerca do caso específico do jornal República pensam os trabalhadores que este "deve ser posto ao serviço das classes trabalhadoras e não servir para promover as vedetas da política".

A luta dos trabalhadores da "República" é uma luta que envolve milhares de trabalhadores que travam uma batalha decisiva para a vitória do proletariado — a conquista da informação à burguesia. E têm-na travado de uma forma exemplar, ultrapassando as questões partidárias, reflectindo politicamente a sua luta, interferindo no poder político. E já definiu contra quem os trabalhadores têm de se confrontar.



# Quinta da Gandarela O CORO DOS TRIBUNAIS

Quinta da Gandarela. Carnaxide. No dizer dum morador "uma quinta que já existia e onde havia um corpo central, isto é, um edifício que está agora alugada a diversas pessoas. O rés-do-chão, por exemplo, onde era o curral, tem agora cinco famílias, que lá vivem em cinco pseudo-habitagens; e existem outras na parte de cima do edifício. É a partir daqui que nascem as fileiras de barracas."

Um dos muitos casos de barracas clandestinas, construídas com a finalidade de encher os bolsos a alguns (os proprietários) à custa da exploração de outros (os que nelas precisam de morar).

As condições são péssimas: Não há esgotos, nem água; quanto ao lixo "dantes diziam-nos para fazer-mos uma lixeira, mas não aguentávamos a mau cheiro e as moscas. Queimámos aquilo com cal e agora deitamo-lo no rio; estamos sujeitos a pagar multa, e o rio já está contaminado com os esgotos, de Queluz e por aí fora".

Em cerca de cinquenta habitações aparceram, o ano passado, doze casos de cólera além de febre tifóide, etc.

O senhorio é um pequeno comerciante, como tantos outros. Conta-nos um morador: "Há coisa de ano e meio, disse-lhe; senhor Manuel, temos de pôr ali uns ferros. Ah, isso não precisa, isso não cai — respondeu ele. Por outro lado, ao pé da janela, no quarto por cima desta cabe uma mão... fomos nós que dividimos a casa lá por dentro. Dividimo-la e ele aumentou-nos a renda mais cinquenta escudos".

Mas este senhorio gosta de política... pelo menos é o que temos de concluir do facto de, ao ameaçar de morte uma das inquilinas dizendo-lhe: "Vê lá se queres ser como a mulher de Balação..."

Aconteceu até que noutra ocasião, não se quedando por acaesão, chegou mesmo a agredir uma criança de 6 anos bem como os pais.

Como se vê um pequeno comerciante, mas com alma de latifundiário...

O REVOLUÇÃO deslucou-se a esse bairro para falar com os habitantes por causa de um caso de despejo movido contra um morador.

Saneamentos por efectuar, quer nas autarquias, quer nos tribunais, vêm repór o problema da defesa dos verdadeiros interesses das populações e mostrar que processos 50% revolucionários, não são susceptíveis de andar para a frente.

"Como é que a gente pode sair dali, se temos três filhos pequenos? A mais velha vai fazer quatro anos e o mais novo ainda não tem um! Para onde é que a gente vai dormir?"

Ganhámos quatro mil e quinhentos escudos, pagámos trezentos e cinquenta escudos de renda e os três filhos já vão a caminho de quatro. Se ele nos põe na rua onde é que a gente se vai meter?"

Claro que isto se reflete também nas Comissões de Moradores, porque enquanto há, nelas, elementos preocupados em apreender determinadas tarefas, aconselhando as pessoas a seguirem um determinado caminho ou guiando-as num determinado rumo, outros elementos mais não fazem do que tentar sempre travar essa caminhada.

Mas o travão funciona a todos os níveis. Por exemplo no Tribunal de Oeiras aquilo continua tudo na mesma: quem tem dinheiro move a acção de despejo, quem o não tem, não a contesta e o Juiz pega e manda pôr o tipo na rua e mais nada, acabou...

REV. — E então o senhorio...

RESP. — Sabe isto está tudo na mesma. Logo em Maio de 74, quando o homenzinho chegou à conclusão que eu fazia parte da Comissão de Moradores, veio ter comigo, tirou o bonézinho, cumprimentando-me cheio de deferências: depois convidou-me a beber um copozito lá na adega e tudo isto para ver se eu metia uma cunhazita lá na Câmara para eu fazer o favor de arranjar maneira de o deixarem construir o resto do prédiozito, que ele tinha começado e que a C.M.O. não tinha autorizado, pois não tinha condições de habitação.

Claro que ele lá no Tribunal funciona da mesmo maneira. Chega ao pé dos tipos e tal e coisa, faz favor, se não se importa, e tal, e chega-se à frente com o bago, etc... O que me parece estranho é o Tribunal aceitar uma acção de despejo por uma barraca ilegal, que não tem condições de habitação, do que o tipo não manifesta às Finanças, nem paga contribuições.

REV. — Mas ao menos o que ele diz é verdade?

RESP. — Ele disse na frente de testemunhas, quando lhe fomos pedir os recibos: "Eu passo recibos às outras pessoas, mas àquelas não passo". Mas porquê? "Porque ela tem dois meses em dívida. Mas não é do tempo dela, é do tempo em que o homem dela estava sózinho no Hospital." Ele no Tribunal põe Março, Abril e Maio de 74, ora eu já há três anos que lá moro... e lhe pago a renda da casa o que prova que é uma mentira...

REV. — Mas além disto há o aspecto legalista...

RESP. — Os motivos que ele alega para mover a acção de despejo são totalmente falsos; ele nunca passou recibos a ninguém em virtude das casas serem ilegais e portanto ele não poder provar que pagaram ou não pagaram. As

pessoas é que têm provas por testemunhas, em como a pessoa em causa na acção de despejo pagou. O Juiz é que não vai ver a verdade dos factos e assina qualquer coisa. Tudo o que lhe metem à frente no Tribunal o tipo assina, quanto a nós não está a cumprir a sua missão como deve ser.

RESP. (2) — Claro que a lei obriga a que a pessoa seja defendida por um advogado e se ela não tem dinheiro, pede.

RESP. (3) — É por isso que nós estamos a ver se a assistência Judicial, que é uma coisa criada pela ordem dos advogados depois do 25 de Abril tem alguém que se interesse por este assunto. Qualquer papel que a Comissão de Moradores faça, conforme tem sido alvitrado, explicando este processo e os problemas que têm surgido até agora, juridicamente não tem valor nenhum.

RESP. (4) — Eu acho que tem; a posição da Comissão de Moradores, reconhecida pela junta, é de defender os moradores, e isto, seja como for tem que ter legalidade.

RESP. (5) — A legalidade aqui, quanto mais não seja, é a gente ir para lá e não deixar os gajos lá entrarem.

MORADORA — Só espero que eles lá vão no dia em que eu esteja sózinha em casa que eu não saio da porta para fora.

MORADOR — É preciso é que as

pessoas tomem uma posição de força, face a uma tentativa dessas.

Entretanto, muito se tinha dito para além disto, e o REVOLUÇÃO não quis deixar de recolher alguns depoimentos que nos pareceram extremamente correctos:

MORADOR (1): Sabe, a posição das pessoas está relacionada com o caciquismo e a dependência que as pessoas têm. O tipo, cá na terra, é o indivíduo que tem a loja, e as pessoas gastam lá. O indivíduo é muito antigo, as pessoas conhecem-no já há muito ano e é natural que tenham uma certa dependência. Temos o caso concreto das pessoas que moram no quintal do Comércio dele, numas barracas, e que quando foram contactadas para se juntarem a nós, tiveram medo. Houve uma que mostrou interesse, mas nunca mais cá apareceu.

MORADOR (2): Aliás isso passa-se a nível nacional. As pessoas que têm um poder económico superior a outras pessoas, subjagam-nas às suas ideias. Efectivamente, se as pessoas não tinham dinheiro para pagar a mercadoria, acontece que o gajo em troca de fiar um kg. de açúcar ou batatas, exigia qualquer coisa delas...

Sobre este assunto a nossa última pergunta foi sobre as posições que os moradores tencionavam afinal tomar. A resposta veio decidida: "Em primeiro lugar é a de descrevermos os motivos que nos

levam a tomar estas posições, e, em segundo lugar contactar a tal Acção Judicial, da Ordem dos Advogados, para defenderem este processo. Isto no aspecto legal: senão, é tomar uma posição de força, e as pessoas não arrancam mesmo de lá..."

Muito mais foi ainda dito, mostrando que na verdade, na Gandarela, existe um núcleo de moradores que sabem o que querem e procuram o melhor caminho para o obter. Do que foi anteriormente escrito, não podemos deixar de notar, com satisfação, que uma conversa sobre um problema de um morador, se transforma numa conversa de eníme cunho político.

E ainda dizem que os trabalhadores não sabem o que querem...

REV. — Afinal como surgiu esta situação?

RESP. — Qualquer problema como este, que agora se está a levantar e que com o tempo se virá a desenvolver, diz respeito às autarquias locais, Câmaras e Juntas de Freguesia, e à impossibilidade que têm tido de se organizarem e resolverem, efectivamente os problemas das populações. Aliás, é também o problema das Comissões de Moradores que durante muito tempo existiram no papel e que não têm, por vezes, conseguido desenvolver uma acção que leve à resolução dos problemas das

Continua pag. 5

## BARBARIDES DO CAPITALISMO

Segundo revelam as estatísticas da Organização Internacional do Trabalho eleva-se a 160 mil o número de acidentes diários de trabalho no mundo no que respeita à indústria. Salientando que todos os anos morrem mais de 100 mil pessoas de acidentes de trabalho. A Organização Internacional do Trabalho acrescenta que as estatísticas se mostram ainda mais inquietantes por não se registar qualquer tendência para a melhoria da segurança: e propõe um lançamento de uma campanha internacional destinada nomeadamente a proteger a saúde e a vida dos trabalhadores, deixando-lhes tempo livre suficiente para o descanso e distração.

Dentro do sistema capitalista não é defendendo isoladamente a saúde que os trabalhadores conseguem não ser carne para canhão. Porque donde vem este mal vêm todos os outros e todos estes males só desaparecerão quando o sistema que os origina, o capitalismo for varrido da terra, pois ele é injusto irracional e destrutivo.

Pois no delírio de aumentar os

preços e os lucros em vez de satisfazer as necessidades humanas, destrói as colheitas e os bens em geral para lhes aumentar a procura e assim subir os preços.

Exemplos: no Brasil chegou-se a queimar colheitas inteiras de café, França chegou-se a deixar apodrecer toneladas de queijo e frutas enquanto milhares de trabalhadores não podiam comprar esses produtos pela sua elevada carestia.

Noutros países, deita-se leite aos rios ou deixa-se apodrecer a fruta nas árvores para conseguir aumentar os lucros vendendo mais caro. Além de fazerem isto tudo os capitalistas quando necessitam recorrer à guerra pois a economia capitalista em tempo de paz funciona com muita dificuldade, então recorrem à guerra e armamento. Pois é somente na guerra que o capitalismo consegue dar trabalho aos seus milhões de desempregados utilizar as máquinas e os materiais, fazer trabalhar a todo o vapor a economia.

Mas porque preço? A destruição mais espantosa! A destruição das esperanças e sonhos de milhões de

seres humanos; a destruição de milhares de escolas, hospitais, linhas de caminho-de-ferro, pontes, portos, minas, sedes eléctricas; a destruição de milhares de quilómetros de terras cultivadas, etc, etc, tudo isto para o capitalismo, pois quanto mais desenvolvido se encontra um país capitalista, mais os males do próprio sistema capitalista aumentam.

Como poderemos pois proteger a nossa saúde e vida no sistema capitalista se o próprio sistema capitalista faz guerras para seu bem, e seus interesses, matando milhares de trabalhadores?

Só varrendo da face da terra o sistema capitalista todos estes males desaparecerão. Mas para que os homens sejam capazes de destruir este sistema e substituí-lo por outro que ultrapassa-se definitivamente estas contradições não basta falar das contradições do sistema capitalista. Teremos de conhecer-lhe as causas profundas e combatê-las na prática do dia a dia.



# S. PEDRO DE ESTEVAL FREGUESIA ORGANIZADA

Os camponeses pobres começam a abrir os olhos...O exemplo vem dos camponeses da freguesia de S. Pedro do Esteval (Concelho de Proença-a-Nova).

No dia 12, quinta-feira, os camponeses do Padrão e outros desviaram uma camioneta da "Empresa Claras" que vai de Proença-a-Nova a S. Pedro do Esteval e fizeram-na seguir para o Padrão que é a maior aldeia da freguesia e que não possuía transportes. Foram momentos de grande alegria para o povo desta aldeia que neste momento ainda não tem água, luz, estrada alcatroada, médico e a farmácia mais próxima fica a 20 quilómetros. Notava-se a presença de cartazes onde se podia ler: "A CARREIRA DA REVOLUÇÃO JÁ VAI HOJE PARA O PADRÃO" e "VIVA AS COMISSÕES DE ALDEIA" e "VIVA O CONSELHO REVOLUCIONÁRIO DA FREGUESIA DE S. PEDRO DO ESTEVAL". Muita alegria e muitas razões para isso. Os camponeses ainda não tinham ganho nada com o 25 de Abril. Agora têm o que se chamam "A carreira da Revolução" e mais o "Táxi da Revolução". O alvará do táxi foi revolucionariamente dado pelo povo da freguesia de S. Pedro do Esteval a um seu conterrâneo.

Mas para conseguir estas vitórias os camponeses da freguesia de S. Pedro do Esteval organizaram-se em COMISSÕES DE ALDEIA e constituíram um CONSELHO REVOLUCIONÁRIO de freguesia.

Os camponeses de S. Pedro do Esteval já pensam em não dar presentes, meter cunhas aos graúdos para alcançar pequenas esmolas. Agora começaram a sua Revolução, de forma autónoma, sem se atrelarem a partidos fascistas, burgueses e capitalistas que iam à sua aldeia apenas para fazer promessas antes das eleições, para caçar votos e irem para o poleiro. No entanto o povo está mais interessado em obras do que em promessas.

O PRP-BR apoiou a luta dos camponeses de S. Pedro do Esteval e apoiará sempre, não apenas com palavras mas também com actos todas as lutas dos trabalhadores para a tomada do poder e triunfo da Revolução Socialista.

## VIVA A LUTA DOS CAMPONESES!

EM FRENTE COM AS COMISSÕES DE ALDEIA,  
DE MORADORES E DE TRABALHADORES!  
EM FRENTE COM OS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS!

Núcleo do Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias (PRP-BR de Castelo Branco)

14-6-75



Há quem faça pouco dos camponeses, quem faz isso ou não é filho de camponês ou não é revolucionário. Os filhos dos camponeses pobres têm a obrigação de ajudar a classe donde vieram a fazer a sua revolução. Nas aldeias está quase tudo por fazer. Mas os camponeses começam a abrir os olhos. Os fascistas e caciques começam a ter medo dos camponeses e tentam que eles não vão para a frente. Mas os camponeses irão para a frente na defesa dos seus interesses até acabar com os seus exploradores. Os camponeses pobres começam a organizar-se e preparam-se para alcançar novas vitórias.

É este o grande exemplo do povo da Freguesia de S. Pedro do Esteval, concelho de Proença-a-Nova. Publicamos entrevista com comissões de aldeia para exemplo dos camponeses pobres do resto do país.

REV.: — Porque é que os camponeses de S. Pedro do Esteval começaram a sua luta?

RESP.: — Por causa do problema da estrada que está uma miséria. A estrada liga-nos à sede do concelho e na maior parte não

está empedrada nem alcatroada. No verão é só poeira e buracos e no inverno é só lama e chocas. Uma vez já a camioneta de carreira lá ficou atascada naquele lamaçal e as pessoas só chegaram ao mercado, a Proença à tardinha. Por causa disto nem a gente tem camionete todos os dias. E só duas ou três vezes por semana e o Padrão que é a maior aldeia da freguesia nem camionete tem.

Para nós o transporte é só o táxi. Mas há um que está cá registado e que está sempre na freguesia aqui ao lado. A gente chama-o e ele não aparece a tempo. E até leva muito caro para as nossas posses.

Foi para resolver estes problemas que a gente pensou ir à sessão da Câmara a Proença-a-Nova. Fomos lá no dia 5, quinta-feira umas cem pessoas.

REV.: O que é que conseguiram lá na sessão da Câmara?

RESP.: — Quanto à estrada prometeram que era a primeira a fazer-se no concelho, logo que houvesse dinheiro.

Quanto ao táxi, um conterrâneo pediu já há muito um alvará que ainda não chegou devido às influências do secretário da Câmara

que ainda não foi saneado. Ele até deu a informação para Lisboa em como o táxi não era cá preciso. Por isso o povo que estava na sessão da Câmara resolveu dar o alvará do táxi ao conterrâneo. O táxi é o primeiro benefício que a gente tem depois do 25 de Abril e por isso a gente deu-lhe o nome de táxi "Revolução" e começa já a trabalhar.

REV.: — Para fazer isso vemos que estão organizados. Como?

RESP.: — A gente organizou-se em comissões de aldeia porque não temos nada. Nem estrada, nem luz, nem água, nem médico, nem farmácia. Olhe que a farmácia mais perto fica a quase 20km.

REV.: — Quantas comissões de aldeia há cá na freguesia?

RESP.: — Há em todas as aldeias que são 16.

REV.: — Vão fazer mais coisas na freguesia?

RESP.: — Claro, já que ninguém as faz por nós.

REV.: — Por exemplo?

Depois se verá. Não vale a pena deitar foguetes antes da festa.

Núcleo de Castelo Branco do PRP-BR

Continuação pág. 4

populações, motivo pelo qual foram eleitas. O problema fundamental, pelo menos aqui em Oeiras, é o saneamento. Se o Tribunal deu uma ordem de despejo, neste caso, é porque qualquer coisa vai mal dentro do próprio Ministério da Justiça ou, neste caso, directamente dentro do Tribunal de Oeiras.

Rev. é a primeira vez que aqui têm problemas destes?

Resp. — Não, já é a segunda vez que o homem tenta fazer isto. No ano passado, acompanhei de perto o problema e a coisa foi da mesma maneira. O que parece importante salientar, é que o Tribunal de Oeiras funciona exactamente nos mesmos moldes que dantes. Aceitar um documento a pedir o despejo de uma barraca que não está legalizada, da qual o tipo não paga impostos às Finanças e da qual o gajo

não passa recibos!... Não compreendemos como é que o Tribunal dá andamento e pretende executar um processo destes.

REV.: — Então este caso tem outros antecedentes. Quais?

RESP. — Claro! Em determinada altura, num Plenário de Moradores decidiu-se não lhe pagar as rendas directamente e depositá-las na Caixa, para o obrigar a fazer melhoramentos. Como ele as levantou e não fez nada, decidiu-se então não se pagar mais renda porque ela não se justifica. O Jacinto e a mulher são os que fazem mais barulho, isto é, os mais reivindicativos; isto já antes do 25 de Abril, e deve ser por isso, que ele os quer pôr na rua, em primeiro lugar. Levantou o dinheiro de todos, excepto de dois camaradas, no propósito de invocar falta de pagamento e correr com eles. Era

contra a nossa vontade que ele levantasse esse dinheiro pois não pode passar recibos por aquilo que não está legalizado. Agora o dinheiro passou a ser depositado em nome de três elementos da Comissão que é para ele não o poder levantar.

REV.: — O Tribunal terá conhecimento de que se trata de um despejo de uma barraca?

RESP.: — Fomos falar com a Assistente Social de Carnaxide lá na Câmara e ela contactou o Tribunal; falou com o Oficial de Diligências e ele disse que talvez não tivesse interesse considerar aquilo como uma casa clandestina; que era melhor falar primeiro com o advogado. Isto é uma coisa que não me cabe na cabeça!!! Parece que até devíamos ter cuidado em não mostrar aquilo que é ilegal...

REV.: — Afinal que tem tudo isto a ver com as autarquias locais?

RESP.: — É que no princípio as pessoas da Câmara Municipal de Oeiras, quando lá foi a Comissão Administrativa davam muitas benesses. Dava a impressão que iriam colaborar e darem muita coisa; mas a partir dessa altura... desde Outubro que não recebemos nem um tijolo...

RESP. (2) — É que no princípio os funcionários da Câmara não sabiam com o que poderiam contar. Não sabiam o que poderiam fazer e a coisa foi. A Comissão Administrativa começou a trabalhar e mandava fazer isto ou aquilo e foi acudindo às necessidades das pessoas; depois quando os funcionários viram que estavam senhores da situação, e que poderia continuar tudo na mesma, deixaram de fazer as coisas como deve ser, voltando tudo para trás. Os empregados, os fiscais, etc., chegaram à conclusão que po-

deriam deixar tudo como dantes. Isto por exemplo aconteceu com um fiscal que veio cá ver duma pia, pois pedimos uma pia em conjunto para deitar lá os despejos, e ele veio cá ver e chegou à C.M.O. e disse que tinham cá posto a pia e não puseram pia nenhuma, porque o tipo fez lá um buraco de cimento e aquilo está pior que o que estava. O tipo se calhar chegou lá a Oeiras e disse que tinha posto a pia, e tal...

RESP. (3) — Isto é fruto do sistema político actual, pois a Revolução não tem andado para a frente. Nalgumas coisas parece que ainda estamos a 25 de Abril. E isto mesmo ao nível de organizações de massas e dos próprios partidos políticos, que se preocupam mais em puxar os trabalhadores cada qual para o seu lado, dividindo-os, do que em organizá-los, ajudando-os, unindo-os para andarem para a frente.

## Quinta da Gandarela



# MARINHA



Realizou-se na 2.ª-feira passada, dia 9, o 2.º Congresso Regional dos C.R.T. da Marinha Grande.

A Assembleia composta quase exclusivamente por camaradas operários, aprovou esta ordem de trabalhos:

1 - Informação do trabalho desenvolvido pelo Secretariado Regional Pró-Conselhos Revolucionários.

2 - Análise política.

3 - Organização (alargamento do Secretariado e Sede).

A mesa era composta por camaradas dos Secretariados Regional e Nacional dos CRTSM, por um sargento da Base Aérea n.º 5, em Monte Real (este elemento representava o comandante da referida Base, o qual afirmou apoiar os Conselhos Revolucionários), e ainda por um camarada nosso da Marinha Grande, não tendo o PCP, MDP-CDE, PS, LUAR, Sindicato Vidreiro, Sind. dos Químicos, Sind. dos Metalúrgicos, acedido ao convite que lhes foi feito para constituírem a mesa.

## DIFICULDADES QUE TEM TIDO O SECRETARIADO

No primeiro ponto da ordem de trabalhos foram referidas as dificuldades que tem tido o Secretariado Regional em encontrar local para se reunir, dado que ainda não fora possível arranjar uma sede; foi também anunciada a boa recepção que o comandante da Base Aérea de Monte Real, tenente coronel Fernando Seabra, tinha dado aos elementos dos C.R., bem como os contactos que se têm feito com o RAL de Leiria.

O Secretariado Regional foi criticado por camaradas presentes na assembleia, os quais entenderam ter sido insuficiente o trabalho desenvolvido nas empresas - alguns camaradas concretamente, entendiam que se podia e devia ter já feito bastantes sessões de esclarecimento nas diversas fábricas, coisa que ainda não tinha ocorrido.

Também um jovem camarada operário sugeriu que o Sec. Regional, se bem que sendo ainda provisório, editasse um papel que

referisse quem era e em que local ou unidade se encontram as camaradas eleitas, devendo esse comunicado ser distribuído em todas as fábricas e unidades.

Este mesmo camarada referiu ainda não lhe parecer correcta a eleição em Congresso, de camaradas para o Sec. Regional Provisório, afirmando que a eleição devia ser feita na fábrica, no que foi contraposto por um outro camarada que afirmava que cada fábrica devia apenas eleger o seu conselho; a propósito desta questão gerou-se viva discussão, tendo um camarada do Sec. Nac. feito o "ponto" à situação, tendo dito que não se podiam fazer "acções suicidas", nem andar depressa demais, nem ir devagar demais no esclarecimento, e mesmo em assembleias gerais sobre o que são os conselhos.

Seguidamente, um camarada de cada empresa onde já existe Conselho Revolucionário ou onde, pelo menos, se vem desenvolvendo trabalho nesse sentido anunciou o que se tem feito na sua fábrica.

Foi então sugerido que alguém fizesse o resumo do que têm feito os conselhos, quais os seus objectivos, modo como surgiram, etc, dado que se encontravam camaradas presentes pela primeira vez.

Dada a importância desta questão, o camarada que dela tratou iniciou desde logo o segundo ponto da ordem dos trabalhos, a análise da situação política.

O carácter apartidário e autónomo dos conselhos foi bastante sublinhado durante a sessão tendo sido dito que uma organização é autónoma quando lá cabem "todos os trabalhadores, de todos os partidos e sem partido".

## A SITUAÇÃO ACTUAL DA CLASSE OPERÁRIA

O que se passa em relação à classe operária é que continuam a existir as mesmas estruturas sindicais que antes do 25 de Abril - os próprios sindicatos ainda continuam a ter a mesma organização que antes do 25 de Abril.

# GRANDE

## 2.º Congresso Regional dos C. R. T. S. M.

Também, de resto, o exército tem a mesma estrutura que antes do 25 de Abril com os oficiais (que nós sabemos de quem são filhos...), com a disciplina militar quase que inalterável, continuando deste modo o exército a ser, regra geral, controlado pelo poder político o qual ainda é em grande parte controlado pelos patrões - não é sem razão que foram os partidos do dinheiro que ganharam mais votos.

Por outro lado, houve coisas que mudaram - era por exemplo impossível antes do 25 de Abril, ou mesmo em qualquer sociedade burguesa que as forças do COPCON apoiassem os trabalhadores em ocupações de casas, quintas, etc".

E o camarada continuou referindo a grande divisão que os partidos, ao quererem o poder para eles, provocam na classe operária tendo, mais adiante, referido que há empresas que já não têm onde colocar os seus produtos, o que não é mais que um boicote, tal como existiu no Chile.

E o camarada referiu o caso do que têm feito as comissões de moradores em Setúbal, como uma forma de poder:

"Decidiram que não deviam pagar mais de 500\$00 por assalhadia.

Os senhorios que aceitam, receberem o dinheiro. Os que não aceitaram, não receberam o dinheiro, pelo que, neste momento, há cerca de 3.000 depósitos na caixa geral, referentes a 500\$00 por assalhadia.

Isto é o poder, e só é possível com a população organizada. E não foi precisa lei nenhuma do governo para obrigar os senhorios."

Falou também das Comissões de Trabalhadores e das suas funções tendo acabado por referir que o processo em Portugal vai bulir com as estruturas do imperialismo e do capitalismo internacional, até porque "os patrões são amigos uns dos outros e entendem-se bem."

Daqui a necessidade dos Conselhos Revolucionários com as características que foram indicadas.

Finalmente os conselhos terão que articular convenientemente as empresas, fábricas, campos e unidades militares por tal forma que o proletariado não seja apanhado desprevenido, sem armas.

Falou seguidamente um camarada da Marinha Grande, que reforçou a necessidade de se organizar apartidamente a classe, dado o papel que os partidos têm tido, "que chega a

da mesma fábrica se deixarem de falar."

## A BATALHA DA PRODUÇÃO

O camarada que falou seguidamente abordou a questão da batalha da produção, tendo dito que:

"Não há batalha da produção sem ser com os trabalhadores no poder, a exercerem a ditadura do proletariado.

A batalha da produção terá que ser feita de uma maneira racionalizada - é assim que os camaradas dos têxteis do Norte perguntam" para quem é que nós produzimos, se os armazéns estão alheios, se a mercadoria não sai"; "os operários perguntam o que é que nós vamos fazer se não temos que fazer se não temos trabalho?"; "os camaradas da indústria de celulose da região de Setúbal, que têm toneladas de papel em armazém, também perguntam: "o que é isso da batalha da produção?"

Tem pois que ser a classe operária a fazer a gestão colectiva da economia - e não a produzir, como ainda hoje o fazem, para os patrões. E o dinheiro continua todos os dias a ir para fora deste país..."

Nesta altura foi lida e aprovada por unanimidade a seguinte moção escrita por um grupo de desempregados: "Considerando o grande número actual de desempregados sem nenhuma perspectiva de emprego e com tendência a aumentar, não só devido ao facto de principalmente as pequenas e médias empresas não aguentarem o ritmo da concorrência existente e provocada pelo sistema capitalista e a exploração desenfreada provocada por este, serão lançados no desemprego mais trabalhadores.

Que também os factos, do ano lectivo escolar estar prestes a terminar, dos soldados que se estão e vão desmobilizando, dos emigrantes que querem e estão a regressar à pátria e das famílias retornadas das ex-colónias.

Todas estas situações contribuirão para o aumento gradual do desemprego.

2.º Tendo em conta estarem canceladas todas as admissões nas empresas privadas e públicas e do subsídio acordado pelo Ministério do Trabalho abranger apenas minorias nos desempregados chamamos a atenção dos perigos que podem advir: sermos concorrentes ao lugar de qualquer trabalhador o que só poderá interessar ao capitalismo, devido à nossa carência de maior subsistência se nos tornarmos uma camada facilmente vulnerável pelas forças da reacção, e

ainda outros perigos tais como: o da aderência à prostituição droga e até à destruição das pessoas e bens causada pelo desespero; suicídio.

3.º Considerando o que atrás citamos, nós desempregados e conscientes das responsabilidades que nos cabem, entendemos que só organizados poderemos fazer com que esse perigo deixe de o ser dando maior segurança aos trabalhadores nas suas lutas.

E só organizados e ligados às organizações da classe trabalhadora poderemos em parte, resolver os nossos problemas.

4.º A nossa necessidade a satisfazer a curto prazo é: necessitamos urgentemente de trabalho e se não há, que se criem novos postos ou que o subsídio vá abranger todos os desempregados que queiram trabalhar.

Mas camaradas para estarmos organizados é preciso estarmos unidos e organizados e é em função disto que este grupo está a trabalhar. Visto isto eu apelo a todos os desempregados que se encontram dentro desta sala que no fim do congresso se juntem a nós".

## OCUPAÇÃO DA SEDE

Após se ter processado o alargamento do Sec., passou a ser discutida a questão de não haver sede, e da falta que isso fazia para o avanço do processo na Marinha Grande.

Atendendo a que existia uma casa vaga que é da Caixa Nacional de Pensões (embora a Câmara tivesse prometido uma casa assim que dispusesse de uma), a Assembleia decidiu, apenas com 5 abstenções a ocupação imediata da referida casa, já que a Câmara nunca mais se decidia a ceder uma casa.

Foi Frisado que esta casa deveria servir também para a formação de operários interessados em gerir empresas e no estudo do Movimento Operário.

E foi assim que, uma vez tomada esta decisão revolucionária os camaradas dos conselhos da Marinha Grande abandonaram a sala onde decorreu o seu 2.º Congresso e se dirigiram em manifestação até ao prédio que se dispõe frontalmente aos bombeiros, o qual foi rapidamente ocupado no meio de indescritível alegria e emoção por parte dos revolucionários da Marinha Grande.

Foi igualmente decidido informar imediatamente o RAL de Leiria, a B.A. n.º 5 de Monte Real bem como fazer um comunicado à população da Marinha para explicar os acontecimentos.



# LISNAVE

## Votados os Conselhos Revolucionários

Realizou-se no passado dia 16, uma reunião geral de trabalhadores, em que estavam presentes cerca de 4000 operários daquela empresa e na qual se debata a formação do Conselho Revolucionário de Trabalhadores da Lisnave.

Os trabalhadores aprovaram por unanimidade a formação do Conselho, do 1.º Conselho.

Debatida, também, a manifestação convocada pelo Secretariado Provisório do C.R.T.S.M., a que os trabalhadores aderiram em massa.

Ao longo da reunião intervieram vários trabalhadores, e elementos do Sec. Nac. Prov. Pró-C.R.T.S.M. do que transcrevemos algumas partes.

Carlos Antunes — sou dirigente do PRP-BR, fundador das B.R. e neste momento sou delegado do meu partido ao Sec. Nacional Prov. Pró-Conselhos Revolucionários e até este momento sou o único delegado dum partido político, visto que nenhum partido aceitou até agora publicamente os C.R.T. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que até este momento nenhum partido aceitou a ditadura do proletariado. É simples e claro e nós consideramos na análise política que fazemos a partir do 25 de Abril até hoje, que em Portugal os trabalhadores têm força para imporem acima dos partidos e até por cima do meu, de todos sem excepção, a ditadura do proletariado, ou são esmagados pela reacção. E é este o problema que se põe hoje não somente a todos os revolucionários mas que se põe também à classe operária deste país. O que é que isto significa? Significa que é uma crise política social e económica que não se pode resolver sem a ditadura do proletariado, quer dizer, sem o poder pertencer a todos os explorados deste país, e que estar armados dia e noite nas suas casas, nos seus locais de trabalho. Porquê? — Porque o imperialismo nos quer atacar a todos, e ou nos defendemos todos ou morremos todos.

Não há outra alternativa. Eu sei que para muitos de vós isto é um problema, e é um problema na medida em cada um de nós tem de se assumir até ao fim. As suas responsabilidades no processo implicam que tenhamos o poder nos campos, nas fábricas e nos quartéis porque a classe operária ou tem o poder todo ou não tem nenhum. Não pode partilhar com o seu inimigo nem uma parcela do poder.

### CDR — O QUE SÃO?

Ora camaradas, todos vós sabeis que foi apresentada aos tra-

balhadores deste país uma proposta de criação de Conselhos Revolucionários há já alguns meses. Agora apareceram propostas diversas, no sentido de criar outro tipo de organismos em que não era efectivamente a classe operária que elegia e demitia a qualquer momento, mas nada menos do que organismos que mais não pretendiam do que milícias ao serviço de grupos, milícias que a criar-se se virariam contra a classe operária, contra os seus irmãos e que permitiria ao imperialismo banhar este país de sangue.

E é dentro deste processo, e é a partir do momento em que as forças operacionais do Continente em que Otelo Saraiva de Carvalho tem a coragem de dizer que é pelo poder de todos os trabalhadores que se começa a gerar a crise. Porque há aqueles que pensam que Socialismo não é poder dos trabalhadores, é qualquer coisa que se dá aos trabalhadores e com isto



o que pretendem? Pretendem continuar com os seus privilégios de classe pequeno burgueses. E nesta situação e neste confronto com o imperialismo que há forças reunidas no COPCON que apresentaram dez pontos fundamentais da Revolução entre os quais está incluída a eleição imediata de Conselhos Revolucionários. É neste contexto que alguns não quiseram arriscar e hoje se sentem ultrapassados. Mas camaradas, eu penso que nenhum homem pode ficar ultrapassado face à revolução se quiser ser revolucionário.

A presença aqui de camaradas vossos da Setenave, de camaradas de trabalho vossos dos Conselhos de Defesa dos Trabalhadores, que nós já tivemos ocasião de lhes dizer que os trabalhadores não precisam de um comité de defesa, mas que precisam de um comité de ataque, e um comité de ataque são todos os trabalhadores.

### A ÚNICA OPÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Isto quer dizer que os tra-

balhadores desta empresa, de todas as empresas deste país precisam de assumir, ser membros de um Conselho Revolucionário e é este o problema; precisamos de se armar não uns contra os outros, mas organizados, numa maneira que a classe operária o sabe fazer, numa maneira profundamente disciplinada, mais disciplinada que algum dia um exército burguês foi capaz de ser. E é neste contexto que a crise actual surge no nosso país e ao contrário do que fazem propalar os boatos da reacção, nós dizemos que pela primeira vez as forças militares deste país, aquelas que têm G 3 estão unidas. Unidos para defender o processo da defesa e do poder da classe operária. Mas então tudo isto se pode passar nas costas dos trabalhadores?

Não, a primeira coisa que os trabalhadores têm que fazer, é discutir a situação, estar calmos porque as forças militares estão mobilizadas em todo o país.

### MEIOS DE COMUNICAÇÃO — BOICOTE AOS C.R.T.

As rádios, a televisão estão ocupadas pelas forças do COPCON, portanto não há razão nenhuma para temer. E o boato neste momento é efectivamente o boato da reacção. Ora bem, é então que nós dizemos: para superar a crise actual é necessário que os meios de comunicação pertençam aos trabalhadores, digam a verdade que com esta análise saída do Plenário Nacional dos Sec. Pró-Conselhos Revolucionários que fomos sucessivamente à televisão à Emissora Nacional, ao Rádio Clube Português, aos jornais exigir-lhes que dissessem pela primeira vez a verdade. E disseram camaradas. Porque lhes impusemos: — se não disserem a verdade estamos dispostos a ocupar fisicamente e pelas armas estes locais que devem pertencer aos trabalhadores.

E é assim que vos posso dizer,

que podeis ler hoje todos os jornais e toda a televisão, que eles foram obrigados a dizer-vos a verdade. Porquê? — Porque perceberam que as armas do COPCON podiam estar viradas contra eles, porque perceberam que os trabalhadores vão vencer neste país.

Não foi uma concessão que nós fizemos — houve discussão de horas e quando lhes dissemos que os iam denunciar, eles passaram a dizer que estavam de acordo connosco.

Camaradas, assumimos neste momento a certeza de que vós estáveis de acordo connosco, a corremos o risco sem vos consultar, de tomar uma atitude revolucionária. E o que é que nós queremos? E qual foi a proposta que pusemos a esses órgãos? Que todos eles se mobilizassem para convocar uma manifestação para amanhã, às 7 horas em Lisboa, no Parque Eduardo VII. Para quê? Para exigir um governo re-

volucionário apartidário.

Eu penso que vós deveis intervir daqui de cima. Os problemas não se fazem nem se resolvem com comícios, resolvem-se na discussão face aos trabalhadores. Porquê? Porque nós todos juntos, com a vossa opinião, cada um com a sua, aprovastes a proposta, é a vossa proposta e submeteis toda a gente.

E fazeis mais, obrigais a que eu me submeto às vossas decisões quer dizer que cumpria as vossas decisões. Mas para isso é preciso discutir, discutirmos todos — e não há paizinhos de ninguém. E cada um deve assumir-se até ao fim. E que cada um considere crime a resolução de coisas nas costas dele e que lhe dizem respeito. É muito simples portanto. Aquilo que nós propomos é: a discussão se é justa ou não a convocação desta manifestação? Se é justo ou não que o 1.º Conselho Revolucionário deste país nasça nesta empresa?

Neste momento é tudo o que tenho para dizer, penso que cada um de vós deve assumir a palavra, mesmo que estejamos aqui até a

hora da manifestação. Cada um de vós deveis dizer tudo o que tem a dizer, cada um de vós deve pôr os problemas todos. Porque camaradas, é dum revolução que se trata, é da cabeça de cada um de nós. E como diz Otelo Saraiva de Carvalho "ou metemos todos os reaccionários no Campo Pequeno, ou eles nos metem a nós". O que duvido é que o Campo Pequeno chegue para nós, e o Campo chega para os reaccionários.

Viva a Ditadura do Proletariado

Viva o Comunismo

### UM OPERÁRIO DA LISNAVE

Camaradas: O trabalhador presente, tem todas as possibilidades de ter nas suas próprias mãos o seu destino. Não há dúvida de que compete aos trabalhadores tomarem a sua posição que de há muito vêm lutando. E uma vez que lhe foi dada essa possibilidade, renegado será aquele, que se negar a tomar essa responsabilidade no dia em que nós queremos caminhar para o autêntico comunismo.

Compete-nos a nós todos, sermos coerentes porque quando se fala em C.R. a maior parte dos nossos camaradas pensa logo em milícias revolucionárias de armas na mão e inconscientemente aplicarem-nas, como aqui foi dito, contra os seus próprios companheiros.

Não é isso. Os Conselho Revolucionários de Trabalhadores já existem no nosso país. Podemos considerar as comissões de moradores, comissões de bairro e outras comissões como comissões revolucionárias. E quando digo revolucionárias é porque elas estão a revolver todo um processo de que não há dúvida nenhuma não correspondia às necessidades dos trabalhadores. É essa a missão dos C.R.T. e ao mesmo tempo, se necessário, ligados com as forças vivas do COPCON, as forças que nos apoiaram para a vitória do nosso socialismo. Caminharemos de mãos dadas com eles em caso de rebelião das forças reaccionárias...

### OUTRO OPERÁRIO

maradas:

Parece-me que em relação à situação política económica e militar os trabalhadores têm que prestar muita atenção se não queremos vir a pagar caro os erros que cometermos. Porque o país está numa condição: ou nós tomamos o poder ou ele foge-nos e as nossas cabeças concerta não ao ficar no mesmo sitio.

Mas o que me trás aqui é fazer propostas concretas à classe.



# FORA COM A CANALHA PODER A QUEM TRABALHA POPULAR ★ DISSOLUÇÃO DA CONSTITUINTE JÁ! ★ PODER PROLETÁRIO CONSELHOS REV

## «VIDA OU MORTE, JÁ!»

**"FORA COM A CANALHA. PODER A QUEM TRABALHA"** gritaram milhares e milhares de manifestantes nas ruas de Lisboa, na manifestação mais impressionante que aqui se fez desde o dia 1 de Maio de 1974. Mas enquanto que essa tinha sido uma grande manifestação popular de festa pela queda do fascismo, a do dia 17 de Junho foi uma manifestação proletária pela conquista do poder.

No dia seguinte os hipócritas órgãos burgueses "Diário de Notícias" e "Século" quase que a desconhecem relegando para páginas interiores e para um quarto de coluna a notícia da manifestação. Para quem a viu nas ruas de Lisboa, para quem a viu na televisão (embora escondida no Tele-Jornal das 23 horas), a manipulação descarada dos jornais citados fica demasiado à vista. É tão escandaloso que é ridículo. As direcções desses jornais mostraram demasiado o jogo. Agora só lhes resta defenderem-se até às últimas, porque já sentiram que serão postas na rua com o mesmo pontapé proletário que foi aplicado na direcção e administração do "República". Comprometeram-se demasiado todos com as cúpulas partidárias. Irão para a rua com a "canalha"! Já estão do lado das coisas que morrem.

O poder proletário está na rua. Com a força imparável de um exército operário. Quem os quer desconhecer, quem os quer esmagar? Que se definam todos a respeito de se querem ou não o poder proletário.

O que é que pretendem os divisionistas que inventaram os C.D.R.s depois de existirem os Conselhos Revolucionários. E que andam a criar os C.D.Rs exactamente nos serviços - bancos,

hospitais, administrativos onde polula a clientela pequeno-burguesa. Que medo é que têm das assembleias e da eleição em assembleia geral? É o medo que têm de perder o controle partidário das situações?

E o que é que pretendem os doutores da política que vêm bolsar doutorices "neutras" a respeito dos C.D.R.s e dos Conselhos Revolucionários, dizendo que estes são a expressão do "esquerdismo"? Têm a lata de dizer isso depois de terem debaixo do nariz durante horas uma multidão operária, dos Conselhos Revolucionários, pondo a questão do poder. Já é preciso ser oportunista, mas com o oportunismo higiénico de quem não se mistura com a classe operária quando esta cheira a suor e a poder. Mas os doutores da política, os aspirantes a tecnocratas também já estão do lado das coisas que morrem. Este país não está nem para doutores nem para tecnocratas: os operários têm os olhos bem abertos.

E os militares revolucionários têm de demonstrar também pelos actos que estão com a classe operária. O momento é de ruptura, não é de compromissos. O processo revolucionário está no seu auge. Os militares têm de mostrar de que lado estão. Daqui para diante as coisas ou avançam ou recuam. Nada pode parar.

Que se dissolva o Governo actual e a Assembleia Constituinte, que se crie um Governo Revolucionário e Apartidário que tenha como uma das primeiras medidas a criação em cada local de trabalho, por eleição entre os trabalhadores, de Conselhos Revolucionários como órgão de poder.

Estamos na hora da verdade. Com os operários da Lisnave dizemos: "Vida ou morte, já".

A manifestação que o Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários convocou para terça-feira passada, dia 17, pelas 19,30 no Marquês de Pombal, constituiu acontecimento político cuja importância não pode ser ignorada.

Sendo convocada como apartidária, a manifestação surgiu devido à situação política extremamente crítica em que nos encontramos, dado que o Governo não governa, a Assembleia Constituinte é um circo contra-revolucionário (que nada pode constituir de revolucionário), o Conselho da Revolução e a Assembleia de Delegados do MFA se encontram perante a Recomendação "Ultimato" em 10 pontos que os operacionais do COPCON lhes apresentaram e, finalmente, dada a gravidade da situação económica em que nos encontramos.

Por tudo isto, decidiram os C.R.T.S.M. convocar a referida manifestação.

Os manifestantes, que arrancam do Marquês de Pombal pelas 19,30, desceram a Av. da Liberdade, passaram em frente à estação do Rossio e subiram o Chiado. Entretanto a manifestação foi engrossando, sendo estas palavras de ordem mais frequentemente gritadas.

**"FORA COM A CANALHA, O PODER A QUEM TRABALHA!"  
"GOVERNO REVOLUCIONÁRIO APARTIDÁRIO!"  
"DISSOLUÇÃO DA CONSTITUINTE, JÁ!"  
"PODER PROLETÁRIO, CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS!"**

Quando se chegou ao Chiado, já a manifestação englobava largos milhares de trabalhadores, nos quais se distinguiram cerca de 3.000 da Lisnave (em fato de macaco e com capacete), trabalhadores da Setenave, da TAP, da CUF, da Carris, da Sacor, da Siderurgia, da Sorefame, da República, do Rádio Renascença entre outros não identificados. Presentes também as Comissões Autónomas Revolucionárias de Moradores.

Uma vez chegados ao Chiado, os manifestantes subiram a rua da Misericórdia, parando por alguns momentos em frente à República. Foi então que, por poucos segundos e para que um camarada usasse da palavra dizendo que nos encontrávamos "em frente do primeiro jornal libertado pela classe operária", foi então, dizíamos, que os manifestantes suspenderam por esses momentos a palavra de ordem.

**"Informação Revolucionária, ao serviço da Classe Operária!"**

Nesta altura a manifestação

engrossou imenso, de tal modo que quando a cabeça da manifestação passava em frente ao Teatro da Trindade ainda a cauda vinha no início da rua da Misericórdia.

Entretanto, e quando se dirigiam para a Rádio Renascença, os manifestantes gritavam já **"GOVERNO PROLETÁRIO, CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS"** e **"MORTE AO CAPITALISMO, REVOLUÇÃO SOCIALISTA"**.

Quando a manifestação chegou ao Rádio Renascença, os nossos camaradas transmitiam em directo o relato da manifestação, sendo ouvido "Informação Revolucionária, ao serviço da Classe Operária!".

Cantou-se então a "Internacional", e um camarada da R.Renascença, através da instalação sonora, previamente instalada e sempre em directo, manifestou aos trabalhadores dos C.R.T.S.M. o apoio das camaradas do R.Renascença, em luta por uma informação revolucionária ao serviço do proletariado.

Foi no meio de grande alegria e emoção que os camaradas do R.Renascença lançaram alguns cravos sobre os manifestantes, os quais, entretanto, retomavam a sua marcha rumo a S. Bento.

E foi assim que a manifestação, (comportando já um número tal de pessoas que fazia com que muitos manifestantes afirmassem: "éramos 100 000, éramos 100 000", mas que a nós nos parece difícil de diferenciar entre 50 e 100 mil), ocupou toda a zona fronteira ao Palácio de S. Bento donde, pouco tempo antes, haviam saído os deputados burgueses, que mais não têm feito do que parir a contra-revolução. "Dissolução da Constituinte já!", os manifestantes mostravam bem a sua posição de classe face à Assembleia burguesa contra-revolucionária, enquanto que os elementos do MES, os tais que criticam tanto os C. D. R. reformistas como os C. R. T. S. M., e que têm no bolso uma terceira proposta "salvadora" que ninguém a não ser, eles mesmos, conhece (porque a classe operária não a conhece, certeza). Os elementos do MES diziamos, assistiam na varanda da sua sede (vizinha ao Palácio de S. Bento) à passagem da manifestação.

Em suma, posições de classe... Chegadas a S. Bento, iniciou-se um comício durante o qual falaram: Fernando de Almeida da Setenave, o Cap. João Oliveira, da Força Aérea, o Cap. Pinto, Comandante das Forças do COPCON estacionadas no local; o Cap. Calvino da Associação dos Deficientes das F. A.; o Ten. Matos Pereira da GNR; dois ca-





# PODER A QUEM TRABALHA ★ CONTRA O IMPER DA CONSTITUINTE BURGUESA, JÁ! ★ GOVERNO CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

A manifestação que o Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários convocou para terça-feira passada, dia 17, pelas 19,30 no Marquês de Pombal, constitui acontecimento político cuja importância não pode ser ignorada.

Sendo convocada como apatidária, a manifestação surgiu devido à situação política extremamente crítica em que nos encontramos, dado que o Governo não governa, a Assembleia Constituinte é um circo contra-revolucionário (que nada pode constituir de revolucionário), o Conselho da Revolução e a Assembleia de Delegados do MFA se encontram perante a Recomendação "Último" em 10 pontos que os operacionais do COPCON lhes apresentaram e, finalmente, dada a gravidade da situação económica em que nos encontramos.

Por tudo isto, decidiam os C.R.T.S.M. convocar a referida manifestação.

Os manifestantes, que arrancaram do Marquês de Pombal pelas 19,30, desceram a Av. da Liberdade, passaram em frente à estação do Rossio e subiram o Chiado. Entretanto a manifestação foi engrossando, sendo estas palavras de ordem mais frequentemente gritadas.

**"FORA COM A CANALHA, O PODER A QUEM TRABALHA!"**  
**"GOVERNO REVOLUCIONÁRIO APARTIDÁRIO!"**  
**"DISSOLUÇÃO DA CONSTITUINTE, JÁ!"**  
**"PODER PROLETÁRIO, CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS!"**

Quando se chegou ao Chiado, já a manifestação englobava largos milhares de trabalhadores, nos quais se distinguem cerca de 3.000 da Lisnave (em fato de macaco e com capacete), trabalhadores da Setenave, da TAP, da CUF, da Carris, da Sacor, da Siderurgia, da Sorefame, da República, do Rádio Renascença entre outros não identificados. Presentes também as Comissões Autônomas Revolucionárias de Moradores.

Uma vez chegados ao Chiado, os manifestantes subiram a rua da Misericórdia, parando por alguns momentos em frente à República. Foi então que, por poucos segundos e para que um camarada usasse da palavra dizendo que nos encontrávamos "em frente do primeiro jornal libertado pela classe operária", foi então, dizíamos, que os manifestantes suspenderam por esses momentos a palavra de ordem.

**"Informação Revolucionária, ao serviço da Classe Operária!"**

Nesta altura a manifestação

engrossou imenso, de tal modo que quando a cabeça da manifestação passava em frente ao Teatro da Trindade ainda a cauda vinha no início da rua da Misericórdia.

Entretanto, e quando se dirigiam para a Rádio Renascença, os manifestantes gritavam já **"GOVERNO PROLETÁRIO, CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS"** e **"MORTE AO CAPITALISMO, REVOLUÇÃO SOCIALISTA"**.

Quando a manifestação chegou ao Rádio Renascença, os nossos camaradas transmitiam em directo o relato da manifestação, sendo ouvido "Informação Revolucionária, ao serviço da Classe Operária!".

Cantou-se então a "Internacional", e um camarada da R. Renascença, através da instalação sonora, previamente instalada e sempre em directo, manifestou aos trabalhadores dos C.R.T.S.M. o apoio dos camaradas do R. Renascença, em luta por uma informação revolucionária ao serviço do proletariado.

Foi no meio de grande alegria e emoção que os camaradas do R. Renascença lançaram alguns cravos sobre os manifestantes, os quais, entretanto, retomavam a sua marcha rumo a S. Bento.

E foi assim que a manifestação, (comportando já um número tal de pessoas que fazia com que muitos manifestantes afirmassem: "éramos 100.000, éramos 100.000", mas que a nós nos parece difícil de diferenciar entre 50 e 100 mil), ocupou toda a zona fronteira ao Palácio de S. Bento onde, pouco tempo antes, haviam saído os deputados burgueses, que mais não têm feito do que parir a contra-revolução. "Dissolução da Constituinte já!", os manifestantes mostravam bem a sua posição de classe face à Assembleia burguesa contra-revolucionária, enquanto que os elementos do MES, os tais que criticam tanto os C. D. R. reformistas como os C. R. T. S. M., e que têm no bolso uma terceira proposta "salvadora" que ninguém a não ser, eles mesmos, conhece (porque a classe operária não a conhece, concerteza). Os elementos do MES dizíamos, assistiam na varanda da sua sede (vizinha ao Palácio de S. Bento) à passagem da manifestação.

Em suma, posições de classe...

Chegados a S. Bento, iniciou-se um comício durante o qual falaram: Fernando de Almeida da Setenave, o Cap. João Oliveira, da Força Aérea, o Cap. Pinto, Comandante das Forças do COPCON estacionadas no local; o Cap. Calvino da Associação dos Deficientes das F. A.; o Ten. Matos Pereira da GNR; dois ca-

maradas da R. Renascença e da República, um camarada das Comissões Aut. Rev. de Moraes e um desempregado.

O camarada Fernando de Almeida disse que "os ventos sopram a favor dos explorados e oprimidos deste país", e criticou as posições dos reformistas e dos sociais-democratas. Acrescentou que "a Constituinte é o espelho de crise que o nosso país vive... Não há Revolução Socialista com a burguesia no poder. A Revolução Socialista faz-se com os trabalhadores no poder".

Falou seguidamente o camarada João Oliveira, que afirmou: "isto é uma grande vitória da classe operária. A partir deste momento a vitória é nossa. Viva a classe operária".

Viva a Ditadura do Proletariado!  
Viva o Comunismo!"

O camarada Calvino disse, de seguida, que "a construção do socialismo tem de ser obra de um grande movimento de massas, em que se unam operários, camponeses e soldados".

"O socialismo não é parido em eleições. É obra da classe operária organizada. Abdico dos meus galões porque a construção do socialismo tem de ser feita sem hierarquias como aquelas a que estamos habituados... É preciso que todos os trabalhadores se divorciem dos partidos que, afinal, só têm boicotado a luta dos trabalhadores".

Entretanto, os manifestantes exigiam a presença de Otelo Saraiva de Carvalho, o qual se encontrava reunido com uma delegação militar romena, pelo que uma delegação o foi contactar. Pouco depois chegava a notícia que Otelo afirmara, à delegação, ir a S. Bento.

Passado já bastante tempo quando era quase uma hora da manhã, veio a notícia que o comandante do COPCON não podia estar presente, dado que tinha ido de urgência para uma reunião militar que, segundo o seu delegado à manifestação o coronel Silva Carvalho, "era ainda mais importante do que tinha sido aquela manifestação..."

Gerou-se então uma certa citação, pois alguns camaradas sobretudo os da Lisnave diga-se se mantiveram presentes até ao último momento) especulavam sobre o motivo de não vinda, chegando mesmo alguns a afirmar que "se prenderam-no".

Por seu lado, outros camaradas queriam ir em manifestação a Alfeite, local onde presu encontrar Otelo.

Posto isto, serenavam os excitados e preocupados, Secretariado dos C.R.T.S.M. a manifestação por terminada qual apesar de todas as manifestações feitas pelos reformistas com à desmobilização da classe, tituiu uma jornada plena de teúdo político revolucionário subalternização das poss burguesas que os reformistas imposto à classe operária.

Sem dúvida que a classe ganizada em estruturas autónomas revolucionárias saberá tirar devidos ensinamentos jornada revolucionária, e não os C.D.R., que os reformis-





# ALHA ★ CONTRA O IMPERIALISMO EXÉRCITO BURGUESA, JÁ! ★ GOVERNO REVOLUCIONÁRIO, LUCIONÁRIOS

maradas da R. Renascença e da República, um camarada das Comissões Aut. Rev. de Moraes e um desempregado.

O camarada Fernando de Almeida disse que "os ventos sopram a favor dos explorados e oprimidos deste país", e criticou as posições dos reformistas e dos sociais-democratas. Acrescentou que "a Constituinte é o espelho de crise que o nosso país vive... Não há Revolução Socialista com a burguesia no poder. A Revolução Socialista faz-se com os trabalhadores no poder".

Falou seguidamente o camarada João Oliveira, que afirmou: "isto é uma grande vitória da classe operária. A partir deste momento a vitória é nossa. Viva a classe operária.

Viva a Ditadura do Proletariado!  
Viva o Comunismo!"

O camarada Calvino disse, de seguida, que "a construção do socialismo tem de ser obra de um grande movimento de massas, em que se unam operários, camponeses e soldados".

"O socialismo não é parido em eleições. É obra da classe operária organizada. Abdicó dos meus galões porque a construção do socialismo tem de ser feita sem hierarquias como aquelas a que estamos habituados... É preciso que todos os trabalhadores se divorciem dos partidos que, afinal, só têm boicotado a luta dos trabalhadores".

Entretanto, os manifestantes exigiam a presença de Otelio Saraiva de Carvalho, o qual se encontrava reunido com uma delegação militar romena, pelo que uma delegação o foi contactar. Pouco depois chegava a notícia que Otelio afirmara, à delegação, ir a S. Bento.

Passado já bastante tempo quando era quase uma hora da manhã, veio a notícia que o comandante do COPCON não podia estar presente, dado que tinha ido de urgência para uma reunião militar que, segundo o seu delegado à manifestação o coronel Silva Carvalho, "era ainda mais importante do que tinha sido aquela manifestação..."

Gerou-se então uma certa excitação, pois alguns camaradas, sobretudo os da Lisnave (que, diga-se se mantiveram presentes até ao último momento), especulavam sobre o motivo da sua não vinda, chegando mesmo alguns a afirmar que "se calhar prenderam-no".

Por seu lado, outros camaradas queriam ir em manifestação até ao Alfeite, local onde presumiam encontrar Otelio.

Posto isto, serenavam os mais excitados e preocupados, e o Secretariado dos C.R.T.S.M. deu a manifestação por terminada, a qual apesar de todas as manobras feitas pelos reformistas com vista à desmobilização da classe, constituiu uma jornada plena de conteúdo político revolucionário, e de subalternização das posições burguesas que os reformistas têm imposto à classe operária.

Sem dúvida que a classe organizada em estruturas autónomas revolucionárias saberá tirar os devidos ensinamentos desta jornada revolucionária, e não serão os C.D.R., que os reformistas

oportunisticamente se apressam levar por diante a Revolução agora a querer "eleger", quem há Socialista com a Ditadura do -de impedir os revolucionários de Proletariado.





# ENTREVISTA COM A COMISSÃO DE TRABALHADORES DA CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

**REVOLUÇÃO: — Porquê e quando começou a luta dos trabalhadores desta autarquia?**

Comissão de Trabalhadores — Começou em Maio de 75, com uma exposição que nós fizemos ao Ministério da Administração Interna, pedindo a demissão do Presidente da Câmara do vice-presidente e da Vereação; e pedimos também a transferência do chefe de secretaria e da 2.ª Oficial. A Administração da Câmara Municipal e os funcionários da chefia completamente identificados com o antigo regime continuavam com a orientação de serviços declaradamente fascistas, que tinham antes. Ainda estavam ao serviço o Presidente, Vice-Presidente e a Vereação antiga; por isso fizemos a exposição.

**REVOLUÇÃO — E conseguiram realmente a concretização dos vossos objectivos?**

C.T.: — Não, isso ainda não se conseguiu. A seguir a essa primeira exposição, várias outras foram feitas no decorrer do ano que passou. Temos inclusivamente contactado directamente com Lisboa, mesmo no Ministério da Administração Interna, mais concretamente com a Comissão de Saneamento. Temos verificado, no decorrer do processo, que a Comissão de Saneamento de forma alguma tem colaborado com a comissão de trabalhadores. Inclusivamente podemos dizer que continua a receber cunhas, até no que respeita a esses dois últimos processos que era a transferência do chefe da secretaria e da 2.ª oficial. O próprio chefe da secretaria pedia a transferência; e a 2.ª oficial continua suspensa, como sabem, só por insistência nossa. Pois na primeira parte do inquérito que a Comissão de saneamento fez, chegaram à conclusão que ficavam a aguardar melhores provas.

Por esse motivo fomos a Lisboa para esclarecer as coisas. Tivemos uma audiência com o chefe do Gabinete do Ministro e até com o próprio Ministro da Administração Interna. Demos-lhe a conhecer a posição da comissão de saneamento, que era a de aguardar melhores provas, quando já havia provas suficientes, obtidas através de inquérito feito pelo presidente da Comissão Administrativa. Mesmo até várias pessoas já tinham ido declarar que a 2.ª oficial (Sra. Conchita), quando esteve ao serviço da emigração recebia dinheiro.

**Intervenção de um elemento da C.T.:** — Esta senhora tomou conta deste serviço em 1962 e deixou-o em 1966. Quando os processos da emigração chegavam às mãos dela, pedia aos emigrantes que fossem comprar selos de várias quantias: umas vezes de 40\$00 ou 50\$00 outras vezes de 100\$00 (es-

tas quantias não eram certas), e também folhas de papel selado. Por fim deixou de pedir, não sabemos porque. Não sabemos também onde ela ia trocar o papel e os selos. Alguns indivíduos a quem ela pedia selos testemunharam como tinha sido verdade.

**Intervenção de um camarada da C.T.:** — O chefe da secretaria quando se apercebeu que estava metido em maus lençóis visto que ele também cometeu várias irregularidades e que nós insistíamos em que tudo fosse esclarecido, tratou de pedir voluntariamente a sua transferência, para nós desistirmos das nossas acusações.

Quando a 2.ª oficial continuaremos a insistir pois ela, além das irregularidades com os selos e outras coisas, negava também a assistência médica. Quando os trabalhadores se lhe dirigiam para esse efeito ou para inscrição na C.A.T., tanto para eles como para os filhos, embora tivessem direito a ela, eram escorraçados com frases como estas "se estivesse na minha mão", "se eu pudesse", etc.

**REVOLUÇÃO — Portanto estão a proceder ao saneamento da 2.ª oficial ou apenas à sua transferência?**

C.T. — Pede-se apenas a transferência dessa senhora, que tem continuado a querer resistir, mas nós continuaremos a lutar até ao fim. Além disso se a 2.ª oficial ainda não foi transferida ou coisa pior, visto que as acusações foram provadas com testemunhas, é porque tem havido alguém a meter cunhas na Comissão de Saneamento senão já tinha sido transferida ou até aposentada ou qualquer coisa no género, visto que o que ela fez foi grave. Assim ela está suspensa apenas porque a C.S. viu a sua reputação em jogo face à nossa insistência em Lisboa e porque já lá tinha provas escritas a que não podia fugir.

**REVOLUÇÃO — Se a C.T. acha que esta funcionária não serve para a Câmara de Olhão, acha que pode servir para outras autarquias?**

C.T.: — Não, eventualmente ela terá aqui alguns funcionários que estão agora do seu lado só por uma questão de classe porque dantes estavam contra ela. É possível que ela agora se modifique, mas nós aqui, já não a podemos tolerar.

**REVOLUÇÃO: — Esta Comissão de Trabalhadores tem só o carácter de saneamento?**

C.T. — Não. Não tem só esse carácter, mas também o de tentar resolver vários problemas que os trabalhadores têm, no aspecto da Assistência, no de regalias sociais que até aqui a maior parte deles ou quase a totalidade não têm. Nunca

tiveram assistência nem férias; o ordenado embora melhor após o 25 de Abril, é bastante baixo.

Noutros aspectos tem-se desenvolvido toda uma luta de defesa dos trabalhadores.

**Intervenção de um elemento da C.T.:** — Há ainda a acrescentar que esta C.T. pretende melhorar os serviços da Câmara, quer dizer, tornar mais fácil para a população e para o pessoal, a forma como as pessoas são atendidas e a maneira de resolver os seus problemas. Enfim, o que se pretende é que com o mínimo de trabalho se dê o máximo de rendimento. E não como as coisas estão. A burocracia exige que as pessoas se fardem de trabalhar para uma coisa que não presta para nada e que, no fim de contas, nem a autarquia está a lucrar com isso e ainda muito menos a população, que é prejudicada (como sempre tem sido). O que se pretende é simplificar e melhorar tanto quanto possível os serviços.

**REVOLUÇÃO — Têm recebido durante a vossa luta, o apoio de algum partido?**

Quais os problemas que tiveram com a Comissão Administrativa?

C.T.: — Apoio de partidos políticos não temos tido. Também por outro lado, não pedimos ajuda a partido algum, a não ser quando enviámos comunicados para todos os partidos cá do concelho.

Quando a Comissão Administrativa, embora nunca estivesse claramente contra nós, nem sempre nos deu o apoio que deveria ter dado. Claro que isto não engloba todos os elementos da C.A.. Devido à demora da Comissão de Saneamento, pensamos fazer piquetes. Portanto a C.T. comunicou ao Presidente da C.A. que, como a situação não se resolvia nós a vamos resolver à nossa maneira. O Presidente respondeu: "uma vez que vocês vão fazer à vossa maneira, eu só tenho que comunicar ao Governador Civil."

**REVOLUÇÃO: — Esta C.T. é autónoma ou está ligada a algum partido?**

C.T.: — Esta comissão é autónoma evidentemente. Como já disse, não pedimos apoio a partido nenhum. A luta, na realidade, é política mas não partidária, nem estamos subjugados a qualquer partido político. E esta comissão de trabalhadores foi reconhecida em reunião da Câmara.

**REVOLUÇÃO: — Qual o motivo que levou a 2.ª oficial a mandar algumas cartas para organizações políticas?**

C.T.: — A sra. Conchita enviou uma carta ao MRPP, PCP e MDP-CDE, assim como também a outras Câmaras no Algarve, para que estes a defendessem.

Eu só quero acrescentar um dos parágrafos da carta em que

todos os oportunistas que sempre se governaram e aproveitaram o facto das FA terem libertado o país do regime fascista para satisfazerem as suas vinganças pessoais contra pessoas inocentes, que nunca tiveram ligações com a U.N., ANP, Legião e MP nem com qualquer outra organização do regime deposite, e em nada beneficiaram dele".

Este parágrafo tem tanto de contraditório que nem sem a forma de o poder combater aqui. Como já disse anteriormente esta senhora cometeu várias irregularidades e nunca procurou defender ou dar assistência aos trabalhadores que quando lha pediam se viam escorraçados. E vem aqui chamar aos outros que dizem a verdade, oportunistas. E diz mais, que nunca se aproveitou do regime deposite. Isto é totalmente falso. Eu ainda acrescentaria mais coisas; essa senhora tinha um prémio de chefia, e não o era nem para isso tinha qualidades, ela não fazia nada, só fazia o que lhe apetecia até dava parte de doente sem o estar. Para terminar, quero apenas frisar que a luta que a C.T. tem vindo a desenvolver, não se move no sentido da vingança pessoal, mas sim no interesse de todos os trabalhadores desta autarquia.

Núcleo de Olhão do PRP-BR.

## OS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

O que acontece no Sindicato dos enfermeiros da zona sul, vem mais uma vez mostrar como as direcções sindicais estão afastadas das bases e como a estrutura sindical actual não serve.

Pois acontece que tendo a Assembleia Geral do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul aprovado um caderno reivindicativo, a sua direcção vem dizer em comunicado que não concorda com as reivindicações apresentadas.

Desconhecendo totalmente que uma direcção não faça de um grupo de pessoas mandatadas pelos trabalhadores para cumprir as decisões colectivas, a direcção do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, auto-intitula-se vanguarda e diz o seguinte:

A Direcção do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, como corpo progressista e vanguarda da classe, vê-se obrigada a clarificar posições face às consequências que poderão advir do "Caderno Reivindicativo" aprovado em Plenário de 24-5-75.

Seria fácil e aparentemente lógico que a Direcção considerasse

as decisões tomadas como caso arrumado. Seria, no entanto, uma posição oportunista.

Vanguarda porquê? Desconhecerá esta direcção que a "vanguarda da classe" é constituída pelos trabalhadores que estando à frente das lutas, vão precisamente, adiante apontando o caminho mais arrojado e aguentando o embate. E desconhecerá que a "classe" não é cada um dos grupos profissionais, mas sim o proletariado todo, como "classe". Passará pela cabeça da direcção do Sindicato que possa ser a vanguarda do proletariado?

Pois a direcção do sindicato tem o arrojo de se opor às decisões da Assembleia não percebendo que o seu único papel possível é ser um canal de transmissão da vontade da Assembleia. A única coisa que os membros da Direcção poderiam ter feito, se individualmente não estavam de acordo com o caderno, era terem-no discutido na Assembleia, em pé de igualdade com os outros trabalhadores. Mas depois da decisão tomada têm de obedecer à vontade da maioria.

Apelando para efeitos de

magógicos dizem "a nossa classe não pode ser apodada de oportunista!" Não perceberão que ninguém convence grupo profissional nenhum a fazer sacrificios, se o sacrificio não for feito por todos à escala nacional? Quem é que convence os enfermeiros a ganhar 6 000\$00 se o ordenado máximo a nível nacional aprovado pelo Governo Provisório é de 45 000\$00. Vão então convencer o Governo Provisório para que decida outro ordenado máximo. Para que não seja "oportunistas".

Esta manobra sindical mostra mais uma vez que a estrutura sindical actual não representa os interesses dos trabalhadores. A única solução é que as decisões sejam tomadas em Assembleia Geral de Hospital ou outra instituição de saúde e que os representantes eleitos sejam mandatados como comissão sindical para representar os trabalhadores. Ai, são conhecidos, sabe-se se merecem ou não confiança, pede-se-lhes contas a todo o momento. E podem ser demitidos. Não são ilustres desconhecidos, decidindo à distância.



## OCUPAÇÕES DE CASAS

# NÃO AOS DECRETOS-LEI ANTI-POPULARES

Como medida contra o decreto juntas de freguesia para outras. Até agora, e desde aquele dia, freguesia, que de um momento saloamento de milhares de foram ocupadas cerca de uma para o outro, dizem que vão dis- ocupantes decidiram as comissões centena de casas, que abrigam tribuir as casas e até, se neces- sário, ocupá-las, mas mais não com o processo de ocupações. pessoas.

Desta feita simultaneamente em vários pontos do país, o processo O BOICOTE DAS JUNTAS DE FREGUESIA começou a desenvolver-se no sábado, dia 31, à noite, e teve como sinal para início, o lançamento das ocupações, as comissões de bitação, direito que ao longo dos de foguetes e morteiros dumas moradores ocupantes viram este an., os tem sido negado.

as comissões de moradores estão miseráveis, os capitalistas pos- em luta por uma habitação melhor. suam duas ou três casas e não Aham que o problema da ha- quem alugam aquelas que estão bitação se pode resolver na so- vazias.

**REVOLUÇÃO:** Segundo parece, o algumas comissões de moradores fizeram apelo a todas as comissões de moradores para as rendas baixarem...

**RESPOSTA —** Não. Pois o problema da habitação como fizeram apelo a todas as comissões de moradores para as rendas baixarem... todos os outros, só é possível de moradores para as rendas baixarem... resolvi-lo numa sociedade so- baixarem...

**RESPOSTA —** Sim. Con- ploração do homem pelo homem. siderando que todas as pessoas Pois a estrutura do capitalismo faz têm direito a ter uma casa; que os com que uma pequena minoria das senhorios pedem um preço exces- população receba a esmagadora sivo pelos andares que alugam; maioria do rendimento criado que a maioria das pessoas para pelos trabalhadores, ficando este pagarem tais rendas têm que com as migalhas. Enquanto passar fome o resto do mês; que milhares de trabalhadores não têm existe uma revolução em curso e um sítio onde viver condignamen- que nada se fez a nível de ha- cialista, onde não exista ex- bitação para abolir o poder il- te, os patrões têm duas ou três bitação para abolir o poder il- casas em diferentes locais do país. mitado dos senhorios; que grande Enquanto nós trabalhadores temos parte dos senhorios não produzem que viajar pendurados nos au- nada, em nada contribuem para tocarros, os patrões têm dois ou esta sociedade, ivendo dos ren- três carros. Enquanto os nossos dimentos que nos são tirados; que filhos se alimentam mal e muitos nos levam por vezes mais de vezes prejudicam a saúde e a inteli metade do nosso salário; pro- gência com isso, os filhos dos pomos: Que já no mês de Junho não patrões deixam pratos cheios de comida que vai para o lixo, porque sejam pagas as rendas impostas pelos senhorios; que seja co- já estão fartos de comer. pelos senhorios; que seja co- Não pois lutando somente pelo municada aos senhorios a nossa direito à habitação que nós decisão e, no caso de não haver teremos uma sociedade justa, mas acordo da parte deles, seja de- não podemos tolerar que, enquan- positada na Caixa Geral de De- to a classe que tudo produz é pôsitos, a quantia correspondente obrigada a viver em condições a 500 escudos por assoalhada.

### ENTREVISTA

## COMISSÃO DE MORADORES E OCUPANTES

**REVOLUÇÃO:** Segundo vem lhe dizem respeito, Essa inter- venção tem-se verificado tanto nos órgãos de informação, o MFA quanto a capacidade criadora se entende em favor dos interesses deomnstrada na luta que tem comuns, independentemente dos partidos a que pertençam os seus elementos, desde que ao serviço do povo.

**RESPOSTA —** A situação de verdadeiramente às comissões de exploração em que a classe tra- moradores e ao povo em geral, e balhadora sempre viveu, levou a construir o socialismo em Por- reflectir na necessidade de se tugal, terá que ultrapassar as impôr na luta pelo direito a uma cúpulas partidárias, pois só assim existência condigna que ao longo poderá ter uma ligação verdadeira de muitos anos lhe foi sempre às bases.

**RESPOSTA —** No que respeita às comissões de moradores, definiram já que teriam importante dessa luta e pos- de ser autónomas, independentes sibilitou criarem-se as condições e partidárias, o que significa que de intervenção da classe explorada nela não podem estar elementos nos problemas que directamente de Juntas de Freguesia, Câmaras,

**RESPOSTA —** Sim, e toda a luta das comissões de moradores se entende em favor dos interesses deomnstrada na luta que tem comuns, independentemente dos partidos a que pertençam os seus elementos, desde que ao serviço do povo.

ou outras entidades, não aceitam- do também lutas partidária s.

**REVOLUÇÃO:** As comissões de moradores têm sido entendidas como órgãos de exercício do poder do povo. São formadas por elementos da população mais des- favorecidas e também por aqueles que incondicionalmente se colocam ao seu lado na luta?

**R EVOLUÇÃO:** Neste momento

## INQUILINOS DE SETÚBAL DECRETAM LEIS SOBRE RENDAS

Mais de 3100 famílias em Setúbal decidiram não se sujeitar à feroz exploração dos senhorios e colectivamente resolveram pagar penas 300\$00 nas caves. Num primeiro passo contactaram com os senhorios para saberem se receberiam a renda proposta, caso não quisessem depositavam-na na Caixa Geral de Depósitos em nome dos senhorios. No mês de Junho depositaram a renda 3.100 famílias: espera-se que duplique em Julho. Perguntámos a um chefe de família o motivo desta decisão e a forma como se organizaram.

**REVOLUÇÃO:** Quando e como começou o vosso movimento dos 500\$00 por divisão?

**RESPOSTA —** Começou há cerca de 3 semanas no Bairro das Amoreiras em Setúbal depois de um grupo de pessoas ter tentado por todos os meios legais resolver o mau estado em que se encontravam as casas, mesmo as novas, junto da Câmara e das Finanças. Começaram a espalhar a ideia e a organizar-se por prédios em todo o bairro. Automaticamente houve contactos com outros bairros tendo pegado logo na Azeda — S. Gabriel e depois para estas zonas.

**REVOLUÇÃO:** Qual era o montante de rendas nesses bairros?

**RESPOSTA —** Uma casa de duas assoalhadas custava de 2.000\$00 a 3.000\$00, de três assoalhadas de 2500\$00 a 3500\$00 e de 4 assoalhadas para cima de 3 500\$00 indo até 5 000\$00. Isto porque são zonas de prédios mais recentes.

**REVOLUÇÃO:** Este movimento foi lançado por algum partido?

**RESPOSTA —** Claro que não. Fomos nós que tínhamos estes problemas, e que nos organizámos. Os partidos na maioria das vezes estragaram tudo porque querem meter o bedelho onde não são chamados e ficar com os louros. Isto não quer dizer que não tenha havido malta de partidos de esquerda que deram apoio nessa, mas aqueles partidos que se infiltraram para mandar foram logo corridos.

**REVOLUÇÃO:** Como é que foi decidido os 500\$00 por divisão assoalhada?

**RESPOSTA —** Isso foi logo um problema porque havia opiniões diferentes, mas as pessoas disseram que não se devia pagar a renda porque o socialismo implicava o fim

dos senhorios capitalistas. Outras diziam que 500\$00 era muito e propunham 10% do rendimento familiar.

No entanto o grupo dinamizador depois de ter averiguado qual era a opinião com mais apoio, decidiu-se pelos 500\$00 para esta primeira fase, e isto foi aprovado num plenário de todos os inquilinos que se realizou na Calhavã.

Isto não pára aqui porque os processos revolucionários não param nunca.

Eu quero ainda dizer que se o Governo não anda, andamos nós porque não podemos suportar mais a exploração a que estamos submetidos. Neste processo aderimos todos porque é justo e tínhamos este problema mas não esquecemos que há pessoas em Setúbal que vivem em barracas e há centenas senão milhares de casas vagas a estragarem-se. Isto tem de ser resolvido!

**REVOLUÇÃO:** Quais foram as maiores dificuldades que encontraram?

**RESPOSTA —** Em princípio toda a gente aderiu, mas depois quando a reacção, neste caso representada pelos senhorios e seus lacaios começou a atacar, houve alguma desmobilização que o grupo

dinamizador tentou ultrapassar desmascarando os argumentos dos reaccionários.

Por exemplo diziam que isto levava a parar a construção civil e a desempregar os trabalhadores, ao passo que a gente sabe que praticamente em Setúbal depois do 25 de Abril não se construíram mais prédios por parte dos construtores civis.

Dizia também um jornal chamado "Margem Sul" que é controlado por um partido de "esquerda" da coligação, que éramos oportunistas e fazíamos o jogo da reacção. Aposto que os senhores desse jornal não ganham 5 000\$00 e não pagam 3 000\$00 de renda de casa! Neste momento ainda temos dificuldades porque diz-se que as pessoas que depositaram o dinheiro na Caixa Geral de Depósitos vão ser postas na rua, mas sempre gostava de saber quem conseguirá pôr 3.000 famílias que sabem que têm razão na rua.

**REVOLUÇÃO:** Também organizaram uma manifestação, não foi?

**RESPOSTA —** Sim, no sábado dia 7, houve uma manifestação com algumas centenas de pessoas, e não estavam mais devido às deficiências de organização e de informação.

Nós queríamos que a Câmara apoiasse esta luta numa maneira real e não só de boca. Claro que a Câmara se esquivou e mandou-nos para o Governo Civil e pouco antes de chegar a manifestação desapareceu o que nos elucidou sobre a sua posição.

Depois algumas pessoas foram ao Quartel de Setúbal para tentarem chegar junto do Governador Civil, visto ele ser militar e foram informados que no domingo poderiam estar com ele, o que veio a acontecer. A posição dele era o que se poderia esperar, afirmando: "como pessoa apoiava a luta, como Governador Civil punha reticências". Donde se conclui que os Governadores Civis não são pessoas.

**REVOLUÇÃO:** A vossa luta foi apoiada pelas comissões de Moradores?

**RESPOSTA —** Bem, aí existe um grande problema visto que na maior parte dos bairros existiam já comissões. Na Azeda, por exemplo, não funcionava e foi automaticamente ultrapassada, nos outros casos tentaram levar à luta, o que foi a sua morte, noutras zonas ainda este movimento deu



# SECRETARIADO DAS COMISSÕES REVOLUCIONÁRIAS AUTÓNOMAS DE MORADORES E OCUPANTES DE LISBOA E ARREDORES

## — POSIÇÃO FACE AO MOMENTO REVOLUCIONÁRIO

1 — O Secretariado das Comissões Revolucionárias e Autónomas de Moradores e Ocupantes de Lisboa e Arredores solidariza-se com todos os prédios danificados ou em ruína por eles próprios, como in loco, expressa pela Inter-Comissões de Bairros de Lata e operários da construção civil.

Bairros Pobres de Lisboa, Zonas Limitrofes, na denúncia e recusa de todas as medidas propostas e leis anti-populares (vidé cadernos reivindicativos e documentos de apoio e fundamento aos mesmos).

2 — a) Na sequência desta posição o Secretariado exige a revogação imediata do decreto-lei 198 - A-75. b) O Secretariado exige em contrapartida e de imediato:

A concretização na prática dos cadernos reivindicativos e documentos de apoio dos Inter-Bairros de Lata, Bairros Pobres de Lisboa, Zonas Limitrofes.

— Que sejam tornadas de direito as ocupações de facto, das casas vazias por elementos da população necessitados de habitação e mal alojados.

— Que o pagamento das rendas das casas danificadas pelos senhorios se conte a partir da data da sua total reparação, a cargo dos mesmos.

— Que os senhorios sejam coagidos de imediato à reparação de todos os prédios danificados ou em ruína por eles próprios, como in loco, expressa pela Inter-Comissões de Bairros de Lata e operários da construção civil.

— Que sejam penalizados criminal e pecuniariamente todos os proprietários e senhorios, assim como alguns inquilinos com eles incursos ou solidários nas danificações voluntárias das casas para habitação.

— Que cessem desde já as sublocações, as demolições não fundamentadas e os despejos.

— Que se impeça desde já a existência de casas secundárias ou segunda residência nos grandes centros urbanos e arredores e nos centros e zonas turísticas.

— Que se inicie imediatamente a construção de habitações sociais e sejam suspensas a construção de residências sumptuárias, vivendas, chalets do chamado tipo familiar-arquitetónico.

— Que no caso de recusa do proprietário e senhorios ao arrendamento sejam de imediato subrogado esse direito nas comis-

sões de moradores ou outras entidades, a designar por estas nas locações das casas para habitação e fins sociais. Que de imediato sejam criadas empresas públicas de construção civil com vista a resolver a crise de desemprego dos operários deste sector, e a crise económica resultante da paralização das indústrias que alimentam este sector.

— Que como primeiro passo para a solução do problema ha institucional se proceda de imediato à nacionalização dos solos nacionais.

— Que as Juntas de Freguesias se limitem ao simples papel burocrático.

n — Que sejam demitidos compulsivamente todos os funcionários das autarquias locais (Câmara, Junta e outros organismos dependentes ou independentes) que na prática exercido acção contra o movimento revolucionário por contrários interesses revolucionários do povo.

3 — O Secretariado como órgão coordenador das Comissões Revolucionárias autónomas de

moradores de Lisboa e arredores, exige o reconhecimento na lei destas comissões revolucionárias e do próprio Secretariado assim como das inter-comissões de bairros de lata e bairros pobres de Lisboa, zonas limitrofes. Estas na qualidade de órgãos máximos deste movimento caracterizado nos princípios que defende e que são:

— AUTONOMIA — em relação a instituições administrativas, estatutais e políticas.

— INDEPENDENCIA — fundamentada na solidariedade dos próprios recursos económicos.

— APARTIDARISMO — não subordinado às directrizes emanadas de qualquer partido ou movimento político.

b) Estes órgãos, como órgãos de exercício do poder popular, estão em acção contra todos os movimentos, organizações e comissões, que defendem na prática os mesmos princípios enunciados.

c) Este movimento recusa a integração nele de comissões que na prática não se encontrem a

serviço dos reais interesses das classes desfavorecidas e exploradas, tendo poder máximo para definir e fundamentar a exclusão destas.

d) Como movimento revolucionário de facto porá na prática a justiça social que deriva da vigilância popular.

e) Os Órgãos (Inter Comissões de Bairros de Lata e Bairros Pobres de Lisboa, Zonas Limitrofes), contactarão directamente com as entidades máximas de Administração Pública e Órgãos Estatais na solução dos problemas em que intervirão.

f) Toda a dinâmica revolucionária implicará no criar de formas representativas que se ajustem a cada momento.

g) NOTA: As INTERES encontram-se de momento representadas por uma coordenadora (2 elementos por cada comissão). Sendo paralela a esta coordenadora o Secretariado.

O Secretariado das Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores e Ocupantes de Lisboa e Arredores.

# EXPROPRIAÇÃO DOS TERRENOS DO DUQUE DE LAFÕES

## QUINTA DA AMEIXOEIRA



Cooperativa já tinha, e como a Quinta da Ameixoeira estava nas mesmas condições, ocuparam-na.

### COOPERATIVA DA TORRE BELA E FERRARIA

A Quinta da Ameixoeira estava já para ser ocupada pelos camponeses que formavam a Cooperativa da Torre Bela. Dado que esta Quinta era bastante grande os sócios da Ferraria propuseram aos da Torre Bela a junção das duas Cooperativas ou então a dispensa da Quinta da Ameixoeira para eles.

Depois de uma reunião conjunta os sócios da Cooperativa da Torre Bela resolveram dispensar as Terras da Ameixoeira.

### A OCUPAÇÃO

Denunciaram-nos os camponeses, que o dono da Quinta a partir da ocupação da Ferraria, tinha dado ordem para cultivar as terras da Ameixoeira, tendo posto duas máquinas a trabalhar as terras. Tal não os fez recuar, pois consideraram isto uma manobra e disseram-nos mesmo:

"Deixa-los ir trabalhando a terra, que já é trabalho adiantado para nós.

A terra agora é nossa, e ninguém daqui nos tira".

Também nos falaram da situação do feitor e de dois guardas da quinta. Estes últimos aderiram

inteiramente à ocupação e o feitor terá que se decidir, ou põe-se do lado deles ou então vai-se embora.

### NOVAMENTE O IRA E A PENITENCIÁRIA

Se a situação na Ferraria era má relativamente à falta de máquinas e dinheiro para o cultivo das terras, agora na Ameixoeira será pior, pois a extensão desta é de mais de 800 hec.

Põe-se novamente o problema das máquinas paradas existentes na Penitenciária de Alcoentre, que como órgão prisional pertence ao Ministério da Justiça.

Põe-se novamente o problema da burocracia do IRA que nada resolve. Dão o seu apoio às ocupações de terras mas o que é certo, é que o subsídio da Quinta da Ferraria ainda não chegou às mãos dos trabalhadores. Entretanto se algum trabalho já foi avançado foi à custa das pequenas economias dos camponeses (que já terminaram) e de uma máquina que a Comissão de Trabalhadores do Xavier de Lima lhes cedeu.

Neste momento os ocupantes põem o problema deste modo:

"O processo das ocupações está pendente do IRA, ou eles resolvem o problema e nos dão o dinheiro para cultivarmos as terras ou então isto morre".

Perguntamos novamente:

Qual o papel do IRA e de que lado estão eles realmente?

É o Ministério da Justiça, porque, máquinas paradas na Penitenciária?

São estes os problemas que os camponeses de Alcoentre não conseguem resolver, e que os senhores do IRA e do Ministério da

Justiça os levaram a ficar num impasse donde se prova que estes organismos não conseguem resolver os problemas dos trabalhadores.

Este impasse estende-se a todo o país e a sua resolução só poderá vir, pela tomada do poder pelos trabalhadores.



# INQUILINOS DE SETÚBAL

Continuação pág. 11

origem a comissões onde não existia nenhuma.

REVOLUÇÃO: Li na "Capital" um artigo sobre isto e as declarações da Câmara são muito pouco de apoio. É verdade?

RESPOSTA — A Câmara de Setúbal tem travado a luta dizendo

que há leis para isto e para aquilo, mas a gente está a construir a nossa lei, e os senhores da Câmara não compreendem nem compreenderão tal como os senhorios.

E mais, hoje decretamos a lei sobre as rendas e amanhã será sobre o emprego e tudo o que nos diz respeito.



# ENTREVISTA COM UM PESCADOR DE SESIMBRA



próprios trabalhadores que sentindo essa necessidade devem promover essas reuniões, arranjando uma sala e reunem para resolver os seus problemas.

**REVOLUÇÃO:** Quais achas que seriam as vantagens de uma cooperativa de pescadores?

**PESCADOR—** Pelo menos a chaputa, havendo muita, vai ao preço que eles querem. O peixe espada vai a 40\$00 ao kg. e a 30\$00.

A chaputa se for de qualidade, e houver muita vai agora a 6\$00 ao kg., e se for de qualidade e houver pouca vai a 10\$00. Se eles podem comprar uma a 10\$00, porque é que não-de comprar outra a 6\$00?

Esses intermediários lá para os seus compradores mandam a chaputa a 10\$00 e aquele di-  
nheiro é para eles.

**REVOLUÇÃO:** Achas que a vossa situação melhorou com a mudança da lota para a doca?

**PESCADOR—** Eu acho que sim.

**REVOLUÇÃO:** Em que medida é que melhorou?

**PESCADOR—** Dantes o peixe não era pesado vendia-se ao monte e aos lotes sem se saber que peso é que tinha.

Agora ali na doca, o peixe vai todo à balança e o preço é um bocado melhor para nós, mas não na chaputa.

**REVOLUÇÃO:** A nível de sindicato como é que a coisa funciona? Estás inscrito? Como funciona, mas os pescadores queixam-se que é muito caro, 25\$00 por mês.

**%REVOLUÇÃO:** Como é que foram eleitos os vossos representantes para o sindicato?

**PESCADOR—** Não sei como é que isso apareceu, daqui ninguém elegeu representantes para o sindicato.

**REVOLUÇÃO:** Não houve portanto eleições nos locais de trabalho para ver quem eram os camaradas que vocês achavam que deveriam ser os vossos representantes?

**PESCADOR—** Aqui não houve.

**REVOLUÇÃO:** Quanto é que ganhas em média por mês?

**PESCADOR—** Nós não temos ordenado certo, uns meses ganhamos 6, outros 5 é conforme. Os dos barcos grandes já ganham mais, têm já um acordo

de trabalho com os patrões, mas aos barcos pequenos isso ainda não chegou, as partes continuam a ser as mesmas.

**REVOLUÇÃO:** Tens condições de habitação?

**PESCADOR—** Eu não tenho casa. Ocupei uma e ainda não está nada resolvido.

**REVOLUÇÃO:** Como é que se processou a ocupação?

**PESCADOR—** Eu vim há três meses do ultramar.

Ouvi dizer que estavam a ocupar as casas, eu como era um tipo que necessitava, vim por aí abaixo para ocupar esta, que eu sabia que estava vazia. Quando cá cheguei vi a porta aberta e até pensei que já tinha sido ocupada por outra pessoa, mas disseram-me que tinha sido o senhorio que a tinha vindo abrir.

Eu, então, fiquei a guardar a casa enquanto o meu irmão foi a casa buscar uma cama, foi nessa altura que apareceu o Rasteiro (proprietário da casa) com um carro de mobília velha para meter cá dentro e dizer que a casa tinha morador.

As pessoas depois ajudaram-me, ia havendo ainda porrada mas eu consegui entrar lá para dentro e, até agora, ainda não sai.

**REVOLUÇÃO:** Qual é a posição da Comissão de Moradores?

**REVOLUÇÃO:** E a nível de Sesimbra, como é que vês o problema da habitação?

**PESCADOR—** Isto é um dos maiores problemas da vila.



**PESCADOR—** Estão a tentar resolver o problema, ele tinha a casa para venda só para não a alugar mas o prazo acaba dia 31. Ele diz que já vendeu isto o que é mentira para fazer um r-c e 1.º andar novo.

Se fosse assim ele tinha de arranjar uma casa para a pessoa que mora pbr cima (no 1.º andar) já há vinte e tal anos. A Comissão de Moradores diz-me para não sair que vai resolver o problema. Pelo que dizem, ele era considerado um fascista de primeira, ninguém o grama em Sesimbra.

**REVOLUÇÃO:** E a nível de Sesimbra, como é que vês o problema da habitação?

**PESCADOR—** Isto é um dos maiores problemas da vila.

**REVOLUÇÃO:** Qual é a tua posição em relação às casas que só são habitadas um ou dois meses no ano? Pensas que os senhorios deveriam ser obrigados a alugar as casas a pessoas de cá que precisam delas?

**PESCADOR—** Acho isso uma medida justa, pois há pessoas que são filhos da terra e não têm casa para morar, e vêm para aqui esses gajos que têm uma aqui e outra em Lisboa.

**REVOLUÇÃO:** Quanto à ti isso resolveria o problema?

**PESCADOR—** Eu acho que sim.

Quantas casas há aí fechadas? Têm é mobílias...

Núcleo de Santana do PRP-BR

## Comunicado DOS T. L. P.

A célula do PRP-BR dos TLP analisa num seu comunicado a situação política actual, perspectivando-a no sentido da formação de Conselhos Revolucionários, única forma de poder fazer face à situação de impasse em que o país se encontra e de se avançar realmente no processo revolucionário.

Denuncia ainda este comunicado a forma como foi eleita a comissão de trabalhadores dos TLP:

"A maneira como o plenário, composto por escassas centenas de trabalhadores aprovou a eleição da Comissão de Trabalhadores é contrária a estes princípios, permitindo que meia dúzia de indivíduos oportunistas se apresentem como representantes da classe sem que para isso nada tenham feito de modo a que a própria classe os reconhecesse. A sua única representatividade será somente de algumas correntes políticas mais ou menos identificadas e que no momento só servem à divisão da classe.

A célula do PRP-BR dos TLP termina o seu comunicado propondo aos trabalhadores a forma correcta de eleição das comissões de trabalhadores

"Que a eleição seja feita pelos trabalhadores de cada secção onde os camaradas, sendo conhecidos, serão fatalmente representativos dessa secção. Da junção destes camaradas eleitos resultará a comissão que estará em condições de representar os nossos interesses, dentro e fora da nossa empresa.



**REVOLUÇÃO:** Em que barco trabalhas?

**PESCADOR—** "Poder de Deus", uma barca pequena.

**REVOLUÇÃO:** Tens aqui condições de trabalho?

**PESCADOR—** Como sabes há muitas barcas que têm guincho para puxar o "trafo" e nós aqui não temos.

**REVOLUÇÃO:** Em relação à comercialização do peixe como é que vês o problema dos intermediários?

**PESCADOR?** A chaputa vai a 6\$00 ao kg., nós vamos à Praça e está a 20\$00. Os pescadores deviam juntar-se todos e formar um género de cooperativa, para o peixe ter preço fixo.

**REVOLUÇÃO:** Vês necessidade de os pescadores se reunirem para encontrarem soluções para os seus problemas?

**PESCADOR—** Reunirem-se os das barcas pequenas, porque das grandes já é diferente. Há no entanto problemas que dizem respeito a toda a classe e esses devemos ser todos a discutir-los.

**REVOLUÇÃO:** Pensas que os pescadores estavam todos dispostos a participar?

**PESCADOR—** Se houvesse uma reunião para eles aparecerem eles apareciam, os donos das embarcações e muitos pescadores.

**REVOLUÇÃO:** Mas são os



# LISNAVE

## Votados os Conselhos Revolucionários

Continuação pág. 7  
 Devemos impor a essa burguesia aquilo que nós queremos. E eu proponha aos camaradas de dia e da noite que fossemos de fato macaco a esta manifestação (E posta à aprovação — que é aceite pelos trabalhadores).

Esta manifestação pode vir a ser uma força compulsiva nas decisões que vão surgir neste país para a conquista do poder para os trabalhadores.

### OUTRO TRABALHADOR

(...) Nós na manifestação que amanhã a classe operária realizará, eu proponha que fosse exigida a dissolução imediata da Assembleia Constituinte, que no espaço de pouco tempo se manifestou de autênticos burgueses e de cúpulas partidárias que defendem o capital.

(...) Não podemos admitir que a canalha capitalista continue a fazer o jogo descarado da reacção... Quem se tenha debruçado sobre a análise diária da situação política decerto já se apercebeu que todos eles lutam pelo poder e nenhum defende a classe operária, camaradas.

### UM ELEMENTO DOS C.D.T.

Sou um elemento do Conselho de Defesa dos Trabalhadores, e ao ser contactado por estes camaradas dos C.R.T.S.M. o Conselho de Defesa dos Trabalhadores apoiou esta reunião, eu pessoalmente apoio os C.R.T. Queria pôr aqui a vossa consideração o seguinte: apelar para a unidade de todos os trabalhadores não só da Lisnave, mas de todos os trabalhadores do país

### OUTRO TRABALHADOR

Os Conselhos Revolucionários não pretendem criar delegados para mandarem noutros trabalhadores. Os Conselhos Revolucionários pretendem ser a classe toda organizada. Cada um de nós tem de participar no processo revolucionário mas para isso



tem de estar organizado. Não há poder que não seja organização. Aqui na Lisnave, a divisão tem-se feito porque o poder não tem estado organizado, nós trabalhadores temos nomeado os nossos delegados, mas não nos organizamos nós.

Os Conselhos Revolucionários pretendem que todos nós, a partir de cada local de trabalho, estejamos organizados e que não nos demitamos. Cada um de nós tem de eleger, tem de controlar, tem de discutir até ao fim. Nós não podemos continuar mais com grupos

partidários, com comissões partidárias que depois são atacados pelos grupos pertencentes a outros partidos. Temos que ver o que é o partido e a organização dos militantes de vanguarda, que devem estar organizados e não são todos os trabalhadores que estão no partido. Mas o sindicato ou os Conselhos somos nós todos organiza

dos que temos de eleger delegados que vão cumprir o que nós quisermos, aquilo que nós decidimos. Só assim esses delegados serão os melhores de nós, de qualquer partido que sejam, seja do PC, UDP, MRPP, PRP, seja de qualquer um. Não interessa o partido, interessa que ele seja o melhor de nós, aquele que tenha mais capacidade. E quando ele não cumprir aquilo que nós quisermos, aquilo que nós mandamos vai para a rua. Vem outro. E assim que a classe se organiza! E assim que o poder avança! Foi assim que esta re-

volução avançou neste país. Não foram os partidos que convidaram os trabalhadores a ocupar as casas e a ocupar as terras e a fazer as comissões de trabalhadores.

Fomos nós que sentimos a necessidade. Isso é um poder que não está legalizado. Somos nós que nos organizamos, mas a nossa força será muito maior se, depois,

o que está em jogo é o poder para os trabalhadores! E o poder para a classe operária, é o poder para quem trabalha e para quem produz.

Até agora tem havido um grupo de camaradas, aqui dentro da Lisnave, que se tem organizado para defender a ideia dos Conselhos Revolucionários, para o apresentar do maior número possível de camaradas. Há mesmo dentro do estaleiro camaradas que têm tentado organizar-se com camaradas dos quartéis para se possível se um dia for necessário pegar em armas para defender o avanço do processo revolucionário e para defender este local de trabalho. Porque neste local de trabalho pode haver sabotagens. Nós precisamos de defender isto para nós. Nós não queremos defender isto para o capitalismo.

Para isso temos de nos organizar, para impor a ditadura do proletariado, que é a democracia que é a justiça para quem trabalha, para todos os proletários.

E temos de nos organizar para defender as conquistas que vamos fazendo, mas mais: temos de nos organizar para atacar o nosso inimigo - o capitalismo e o Imperialismo que é o capitalismo organizado a nível internacional, e que faz as sabotagens, que ameaça pôr-nos no desemprego, que ameaça vencer-nos pela fome e pela miséria. E contra isso não há outra coisa que não a organização dos trabalhadores com grupos armados, controlados por eles e organizados com o exército, formando um exército popular controlado pelas classes trabalhadoras, pela classe operária.

# SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DO RÁDIO RENASCENÇA

Continuação pág. 16  
 como a Conferência Episcopal e o Patriarcado não são a igreja. A Igreja é, sim, as organizações católicas laicas e toda a população católica portuguesa.

Por outro lado não se compreende muito bem como é que a Igreja pode ser patrão de alguém. Isto é uma contradição. A Igreja, que frequentemente os bispos apregoam deverá ter uma função evangélica, que deverá defender as pessoas da exploração curiosamente é patrão, e conduz a exploração do seu neg ocio de uma maneira perfeitamente capitalista e visando o lucro máximo e imediato. Mas isto não é novidade, os bispos não são só patrões da Rádio Renascença, mas sim de muitas mais empresas.

Nós trabalhadores da Rádio Renascença consideramos que não somos empregados da igreja, mas sim dos bispos. Inclusive, os lucros da Rádio Renascença não vão para a igreja, enquanto corpo. Quem é que usufrui dos rendimen-

tos dos andares que a Rádio Renascença tem?

A Liga dos Amigos da Rádio Renascença é uma fraude. Os descontos dos vencimentos do Conselho de Gerência eram pagos com o dinheiro da liga".

### SOLUÇÃO DO CONFLITO R.R. — RÁDIO AO SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA

"A solução que nós vimos é aquela que criamos — o controle por parte das classes trabalhadoras.

Tudo isto parte do nosso conceito de órgão de informação num processo revolucionário. Assim entendemos que não são os trabalhadores da informação — classe privilegiada — que podem arvorar-se em autores da informação. Esta é criada pelas massas trabalhadoras nas suas actividades quotidianas. É justamente a capacidade criativa das

massas trabalhadoras que faz a História, portanto o jornalista não poderá ser senão o veículo dessa informação produzida pelas massas, informação essa que terá de reflectir os interesses e a vontade das classes trabalhadoras.

Assim, ao ocuparmos a estação e ao dizermos que nos colocamos ao serviço da classe operária, nós pretendemos que seja encontrado para esta estação, um estatuto em que as classes trabalhadoras possam ter o controle da programação que aqui se faz.

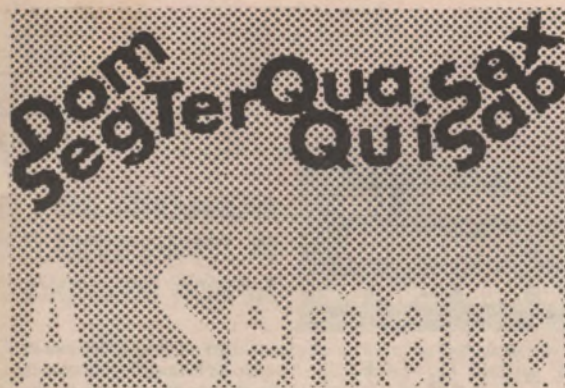
Será a classe operária que definirá as linhas de actuação, que terá o controle político da estação.

Operários da Lisnave que acompanharam o processo, fizeram-nos algumas críticas que consideramos pertinentes e que motivaram a correcção da condução do processo. Isto é um exemplo, que gostaríamos que fosse alargado a todos os trabalhadores — acompanharem-nos não como observadores mas como participantes".

### OS ACONTECIMENTOS DE ABRIL-74 ATE JUNHO DE 75

- Greve nos serviços de informação contra a censura interna.
- A greve é travada pelas Forças Armadas, iniciando-se as conversações com a entidade patronal, a pedido dos trabalhadores.
- Aprovado o protocolo que dá todo o poder à Assembleia-Geral de Trabalhadores para eleger os seus órgãos representativos (Conselho de Gestão). Reconhecia também um estatuto, a curto prazo, a cogestão da empresa.
- Os trabalhadores reconhecem que aquele documento entrava o seu processo de luta.
- Nomeação do Conselho de Gerência, que tenta recuperar o processo de luta.
- E detectada pelos trabalhadores, esta manobra do Conselho de Gerência desencadeando um movimento para a continuação da luta.
- Dissolução do Conselho de Gestão.
- Novo documento que estabelece as relações de trabalho dentro da empresa (bases orgânicas, que afasta totalmente o problema da cogestão).
- Despedimento de oito trabalhadores.
- Negociações no Ministério do Trabalho com o Conselho de Gerência, para a readmissão dos trabalhadores despedidos, que não resulta.
- Greve, pela readmissão dos despedidos, ainda com a participação dos trabalhadores do Porto.
- Interrupção da greve em 11-3-75, atendendo a situação política nacional.
- Contactos com o Ministério da Comunicação Social do que resulta a nomeação duma Comissão Mista.
- É imposto a esta comissão:
  - a) Manutenção da emissão-pagamento de ordenados, despesas correntes, etc.
  - b) Reconhecimento das Comissões Coordenadoras.
  - c) Readmissão dos trabalhadores despedidos.
- A Comissão Mista não cumpre com o 1.º ponto, sendo o último ordenado pago em Abril mas relativo a Março. As despesas correntes, como material de escritório, gasolina são pagas pelos trabalhadores através do seu fundo de greve.
- O Conselho de Gerência aproveita esta situação e propõe-se pagar os ordenados, aumentos e distribuição de lucros, o que provoca a passagem para o lado do patronato de alguns trabalhadores. Abandono do processo por parte dos trabalhadores do Porto.
- OCUAPOAO
- Esta decisão não foi apenas uma medida como resposta a actuação do Conselho de Gerência. A ocupação é uma opção consciente em que se considera ser indispensável o controle por parte dos trabalhadores, contra esse que proporcionará às massas trabalhadores, um órgão de comunicação social, o que ate agora, não dispunham".





• "Socialismo há só um; o do Povo e mais nenhum"

Gritou a multidão à chegada de Vasco Gonçalves. Socialismo com a NATO?

Portugal não presta para a NATO ("Neve Rhein Zeitung") por caminhar para uma "ditadura de Esquerda".

• "Não apoiar o MPLA é, objectivamente, contra-revolucionário" (proferido no Comício de Apoio ao MPLA, em 31 de Maio).

• Fuga de Pides. Boicotes a sessões do MFA. Assalto ao MDP-CDE, em Bragança. Agressão ao major Fonseca. Explosões, tiros dispersos, provocações. Peditórios do clero reaccionário para os ex-pides. A Direita actua. Os Revolucionários degladiam-se. Quem ganha com isto?

• Costa Gomes na inauguração da constituinte: "É tarefa para génios gizar uma Constituição Revolucionária..."

Poderão gizar essa constituição, Reformistas, Social-Democratas e Neo-Fascistas?

• É total o compromisso de Portugal com a NATO, afirmou Rosa Coutinho na BBC.

• O deputado da UDP pediu a expulsão dos deputados que pertenceram à antiga Assembleia fascista. Foi derrotado. É assim que se poderá elaborar uma constituição revolucionária.

• Os saneamentos deixarão de pertencer aos trabalhadores, mas sim ao Conselho da Revolução. O 1.º tenente Judas considera os saneamentos feitos pelos trabalhadores como "arbitrários" e "selvagens". Os trabalhadores já se manifestaram acerca dos "saneamentos" feitos pelo tenente Judas.

A FNLA continua na sua escalada terrorista de saques, massacres, torturas e crimes indis-

crimados. O governo português assiste impassível.

• Para Costa Gomes Revolução é sinónimo de "democracia pluralista" e "socialismo livre". Para nós isso é sinónimo de contra-revolução e de ditadura burguesa.

• Manifestação de apoio ao MPLA (4-6-75). Compareceram organizações políticas, entre as quais o PRP-BR. O PS e os ML não se fizeram representar, o que já se vem tornando hábito.

• Cunhal acusa: o PS e o PPD têm relações com Spínola.

• Para os fascistas portugueses de Versalhes o MFA é "Um grupo de oficiais vendidos ao comunismo internacional que arrastam Portugal à ruína".

• Costa Gomes afirma: "a França tem um papel amigo a desempenhar no apoio à estabilização da política portuguesa".

A França é, como sabemos, um dos países base do capitalismo neo-colonial.

• Sanches Osório escreve um livro. Funcionários da Editora (Francisco Alves, Brasil) afirmam que os lucros serão encaminhados para o ELP, de que Osório será um destacado dirigente.

• O tenente Ramiro Correia substituiu o coronel Rosa Andrade na chefia da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A.

• Samora Machel ao povo mocambicano: "o colonialismo, em toda a parte do mundo tem as mesmas características: a opressão, a humilhação, a discriminação, a agressão, o assassinio, o massacre".

• Clima de guerra civil em

Angola, impõe o recolher obrigatório e a lei marcial.

• O MES divulga: Consulado Português ocupado por emigrantes em Lausana (Suíça). Para quando o desmantelamento das estruturas fascistas, que ainda se mantêm nos consulados?

• No momento em que a repressão aumenta na Espanha Franquista, em que os democratas e os revolucionários são presos, perseguidos e torturados Melo Antunes vai visitar o país vizinho. Contestação das forças democráticas portuguesas e espanholas, que pedem o fim do Pacto Ibérico.

• Segundo Lúcio Lara, a China apoia igualmente os três movimentos angolanos de independência. Será este o verdadeiro Internacionalismo Proletário, que apoia indiscriminadamente movimentos progressistas e lacaios do imperialismo?

• O MRPP anuncia que vai processar o COPCON num "tribunal da burguesia".

• O divisionismo entre os trabalhadores impera: Numa RGT, os trabalhadores da C.M.L., insultaram-se e agrediram-se mutuamente. Mais uma manobra imposta por cúpulas estranhas aos verdadeiros anseios das massas trabalhadores? (6-6-75).

• Cunhal ao jornal "Europeo" (Itália) diz que não há possibilidade de Portugal ter uma democracia ou um parlamento estilo ocidental; afirma também que Portugal enfrenta a escolha de ter um forte governo reaccionário ou uma forte democracia comunista.

Outras afirmações: "as eleições para mim não têm qualquer importância, nenhuma mesmo" e "Prometo-lhe que em Portugal não haverá qualquer parlamento".

Lucidez súbita ou angústia do reformismo, constatando aquilo que vimos dizendo: só há uma solução: Revolução Socialista.

• "Maioria Silenciosa" para os Açores: Reaccionários manifestam-se em S. Miguel, pretendendo a independência do arquipélago. O capitalismo feudal interno e o imperialismo "yankee" não querem deixar a presa...

• Álvaro Cunhal afirma em Montemor do Novo: "Portugal não será uma coutada da social-democracia". É dever dos revolucionários evitar essa via, mas também evitar que seja uma coutada do revisionismo reformista.

• Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGC é recebido em Lisboa com honras de Chefe de Estado.

• Elementos provavelmente ligados ao ELP assaltam uma agência bancária em Vinhais.

• 10 de Junho, jornada de trabalho. Ao contrário da adesão de 6 de Outubro não houve grande receptividade dos trabalhadores ao apelo da Intersindical. O MRPP, através do "Luta Popular", considera que "o 10 de Junho foi uma derrota para o social-fascismo".

• Os ML manifestam-se contra a reacção concentrando-se na Baixa lisboeta. Ao que parece, por sua vez, a reacção não deu acordo de si...

• Assinado um tratado de amizade e colaboração entre Portugal e a Guiné Bissau.

• Após conversações com Melo Antunes, admite-se que as autoridades espanholas vão pôr entaves às actividades do ELP, no seu país.

• Reune-se em Lisboa, a Comissão dos 24 para a Descolonização, órgão da ONU.

• Acabou em pancadaria o comício do PCP-ML no Porto. Foi denunciado o boicote por outras organizações ML (UDP, PUP e FEC), assim como por elementos do MES, FSP e LCI. O PCP-ML vai processar a FEC(ML) e o PUP.

• Roubo de armas em Santa Margarida origina uma gigantesca operação stop. Na actual situação política em que a reacção passa ao ataque, desenvolvendo acções terroristas é necessário mais que nunca a vigilância revolucionária e a unidade nas bases dos trabalhadores e militares, organizados em CRTSM.

• Sob a palavra de ordem: "O Pinhal é do Povo", civis e militares ocuparam o Pinhal da Marinha, em Queluz, local onde a organização fascista Mocidade Portuguesa fazia os seus acampamentos.

• Plenário dos CRTSM, onde se decidiu desenvolver o processo dos Conselhos Revolucionários, convocando-se uma manifestação para dia 17.

• Cimeira de Nakum (Quênia), entre os três movimentos de libertação de Angola (MPLA, FNLA e UNITA). A FNLA acusa o COPCON LUAR, PRP-BR e KGB de se encontrarem em Angola, apoiando o MPLA.

• Manifestação de apoio ao MPLA, convocada por organizações juvenis, afectas a diversos partidos.

• Visita de Costa Gomes à Roménia. Encontro de dois países, que mantêm posições não muito ortodoxas dentro dos dois pactos militares europeus (NATO e Pacto de Varsóvia)

• A FSP reivindica, num comunicado, a formação de um governo revolucionário e apartidário.

• Continuação da luta da Rádio Renascença, sob controle dos seus trabalhadores e ao serviço das classes trabalhadoras do país. Apoio de vários sectores da população, quer em nome individual, quer pela voz das suas organizações políticas e sindicais, repudiando a actual reacção reaccionária da hierarquia católica.

• Assembleia conjunta de civis e militares, no GDACI (Monsanto), onde se discutiu a actual ligação Povo-MFA. Desta reunião, onde participaram militares dos três ramos da FA, operários, elementos dos CRTSM e das Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores, concluiu-se a receptividade do MFA aos Conselhos Revolucionários.

Dentro da mesma perspectiva, os operacionais apresentaram uma moção ao C.S.R., no sentido de se ultrapassarem as lutas partidárias.

• Reunião da oposição moderada espanhola, em Lisboa, sob a presidência do Conde de Barcelona, que anuncia a aproximação do fim do poder absoluto em Espanha.

• Mário Soares em Roma: "se os comunistas portugueses fossem como os italianos, não teríamos problemas". De facto, o chamado "compromisso histórico" do PCI com a direita (PDC e apêndices neo-fascistas), tem como resultante o apoio à actividade contra-revolucionária do PS Português.



# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª - Trav. Condesa do Rio, 7-9 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

No dia 17 de Junho o proletariado veio para a rua, na mais impressionante manifestação desde há um ano. Porque foi uma manifestação para a conquista do poder. Enchendo as ruas de Lisboa, os trabalhadores homenagearam dois marcos do início da insurreição em Portugal — a Rádio Renascença e o Jornal República. E foram até S. Bento, onde uma Assembleia fantoche marca o passo numa macacada de democracia burguesa, enquanto a situação económica, social e política portuguesa se degrada.

E uma coisa é certa. "Ninguém arreda pé", gritaram milhares e milhares de operários. E assim é: ninguém arreda pé da sua posição de classe, na clara consciência que aos trabalhadores só interessa o poder para si.

No dia 17 de Junho foi dado escolher às organizações, aos militares, de que lado é que estão. Se estão do lado dos trabalhadores, se estão do lado da burguesia, revista-se ela de que formas se revestir.

Na situação actual de degradação económica, social e política, nenhuma solução serve que não seja a do poder dos trabalhadores. É por isso que são vãos os apelos à "batalha da produção", num país onde continua a reinar o caos e a anarquia capitalistas, e onde os trabalhadores estão arredados da direcção económica social e política. E os trabalhadores não podem delegar em outrem a defesa dos seus interesses. E se delegam, são traidores.

Não servirá de solução à crise económica a saída social-democrática, nem sequer no sentido capitalista.

Não servirá de solução a saída do Capitalismo de Estado, adoptada pelos reformistas, porque só uma profunda transformação das estruturas permitirá a sobrevivência deste país como independente. Qualquer destas saídas conduzirá o país, a curto prazo, à contra-revolução, ao fascismo.

Perante esta crise, a solução — que é a opção em relação à classe operária e ao poder — passa pelo meio dos militares, do poder político. Se alguns são aliados da classe operária, a maioria cumpre o papel da sua classe — a burguesia — e defende-a. Assim é natural que a vanguarda da revolução não possam ser os militares burgueses, mas tenham de ser os proletários.

Os comunicados do Conselho da Revolução e do COPCON da madrugada do dia 19, traduzem a posição maioritária do poder político.

Que os minoritários no poder, que um dia tenham pensado ser revolucionários, cedam às pressões duma minoria burguesa, encapotada pelas posições reformistas, é um assunto que não diz respeito nem aos trabalhadores nem aos revolucionários, senão na medição de forças. Que os militares tomem ou não o comboio da revolução é um assunto que diz respeito aos militares.

Mais uma vez as forças reformistas, que se tornam contra-revolucionárias, manobram e policialmente pressionaram.

É certo que o triunfo momentâneo de qualquer coligação reformista conduzirá à contra-revolução, a curto prazo. E à derrota dos pobres militares, com os seus tanques e as suas espingardas. Porque os tanques e as espingardas não substituem o pensamento revolucionário.

Os militares manobram nas costas dos trabalhadores. A estes só resta cada vez mais organizarem-se e armarem-se para a conquista do poder, passando por cima de tudo e de todos que se oponham à verdadeira Revolução Socialista. Aos revolucionários compete avançar resolutamente na organização dos trabalhadores, armarem-se e prepararem-se para resistir a todas as contra-revoluções.

A História só anda para diante, não vai para trás.

Há uma saída para o poder dos trabalhadores — os órgãos eleitos em Assembleia Geral de local de trabalho, os Conselhos Revolucionários. A Ditadura do Proletariado para os proletários. A "democracia" para a burguesia, classe que desaparecerá da História.

Convém, neste momento, aos revolucionários e às massas trabalhadoras analisar a situação, estudar a correlação de forças e escolher uma tática. Que as massas saibam escolher os momentos em que devem avançar e em que devem parar, para defender as posições conquistadas. Para de novo avançarem com mais força. E dizem a todos que são "canalha": "Fora com a canalha! O poder a quem trabalha!". E põem-na fora pela força.

### SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DO RÁDIO RENASCENÇA

Os trabalhadores da Rádio Renascença Ld.ª, estão em luta há já 14 meses.

Os proprietários daquela empresa são o Patriarcado e a Conferência Episcopal que pela sua actuação bem definiram de que lado estão — do lado dos exploradores.

A Igreja Católica que ao longo dos anos tão bem serviu o Governo de Salazar-Caetano manipulando e subjugando as classes trabalhadoras "à vontade de Deus", lançando-as no passivismo, no sacrifício, no conformismo — esta a quota-parte para o fascismo poder reinar.

Eis que surge o 25 de Abril, e os trabalhadores da Emissora Católica Portuguesa tomam posição contra o patronato. É a denúncia do que é a realidade da Igreja — a sua ligação ao capital, e a várias empresas agregadas à Rádio Renascença que exploram os trabalhadores.

O conflito prossegue e o Governo português assiste sossegado — há que não entrar em conflito com a Igreja — porque? Para manter a Santa Aliança Igreja-Estado, do tempo de Salazar-Cerejeira?

### SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DO RÁDIO RENASCENÇA

A crise agudiza-se com a tomada de posições dos trabalhadores: ocupação das instalações, expulsão dos representantes do patronato, pondo a estação ao serviço dos trabalhadores.

#### BOICOTE E APOIO À LUTA

"O apoio, desde sempre, veio das classes trabalhadoras, mais exploradas. Quer para o fundo de greve quer para o fundo de solidariedade, é das classes trabalhadoras mais exploradas que esse apoio se faz sentir. Este apoio tem como contra partida o boicote dos inimigos dos trabalhadores. Esse boicote é imediato ao nível do Conselho de Gerência e é indirecto a outro nível.

O Conselho de Gerência recusou desde sempre meios económicos para o reequipamento da estação, para efectivação de trabalhos que envolviam despesas fora do normal, que fugiam da rotina de despesas como o caso de reportagens. A recusa sistemática de aumento de quadros que na estação é diminuto.

Nas fases agudas de luta, o Conselho de Gerência deixou de ter qualquer pudor em recorrer aos

### SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES DO RÁDIO RENASCENÇA

mais sujos processos. Recorde-se o colher de assinaturas de crianças, durante a greve. Depois da ocupação, a sabotagem do emissor de Monsanto, o emissor da Louã, os apelos através do emissor do Porto.

De frisar que o Conselho de Gerência não conseguiu os seus intentos relativamente ao corte de telefones e de electricidade. Os trabalhadores das C.R.G.E. opuseram-se terminantemente, e através do Sindicato dos Telefonistas, conseguiram telefones.

Também o corte do telex da France-Press e da Reuter, mas isto é natural — uma aliança entre multinacionais da informação e a multinacional da religião".

#### IGREJA — ENTIDADE PATRONAL — FORÇA REACIONÁRIA

"A entidade patronal quer fazer crer ao povo português que é a Igreja, isto é o Patriarcado e a Conferência Episcopal, entidade patronal da Rádio Renascença. Mas há uma certa distinção, não só a Igreja não é a entidade patronal

Continua pág. 14

